

2

Quadro teórico: um recorte

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

(Pela Internet, Gilberto Gil)

Ainda que as introduções históricas a respeito do surgimento da Internet tornem-se repetitivas e que os dados a seguir se encontrem disponibilizados em diversos trabalhos que tratam de tecnologias e também em vários sites, inclusive no site da wikipédia¹³ de onde partes destes foram retirados, acredito na importância pedagógica de retomá-los e opto por sintetizá-los aqui, brevemente, com vistas a um leitor menos conhecedor da história da criação da Internet . Desse modo, apresento a seguir uma síntese do desenvolvimento da mesma no mundo e no Brasil. Ainda neste capítulo, faço uma breve análise de alguns discursos sobre a chamada ‘sociedade da informação’, uma dentre tantas metáforas cunhadas na tentativa de caracterizar o contexto atual, e também discorro sobre alguns conceitos como representação, juventude, cultura, tempo e espaço que precisam ser redimensionados frente a forte presença das tecnologias da informação e da comunicação na sociedade contemporânea.

¹³ A Wikipédia é uma enciclopédia multilíngue *online* livre colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações, visto que o conteúdo da Wikipédia está sob a licença GNU/FDL (ou GFDL) e a Creative Commons. Criada em 15 de Janeiro de 2001, baseia-se no sistema *wiki* (do havaiano *wiki-wiki* = "rápido", "veloz"). A enciclopédia sem fins lucrativos é gerida e operada pela Wikimedia Foundation. E está disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia>, em 268 idiomas. Acesso em 09/09/2009.

2.1 Um pouco de história

Uma rede de computadores consiste de dois ou mais computadores e outros dispositivos conectados entre si de modo a poderem compartilhar seus serviços. Como já pontuei na introdução desta tese, a Internet é um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo TCP/IP¹⁴ que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados.

Seu nascimento se deu durante a guerra fria, quando os Estados Unidos criou a *Defense Advanced Research Projects Agency* (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada), conhecida como ARPA, com o objetivo de obter novamente a liderança tecnológica perdida para os soviéticos. ARPA criou o *Information Processing Techniques Office* (Escritório de Tecnologia de Processamento de Informações - IPTO) para promover a pesquisa do programa *Semi Automatic Ground Environment - SAGE*, que tinha ligado vários sistemas de radares espalhados por todo o território americano.¹⁵

Em 1950, Joseph Carl Robnett Licklider, líder do IPTO, transferiu o laboratório da Universidade de Harvard para o Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), onde fez parte de um comitê que estabeleceu o Laboratório Lincoln e trabalhou no projeto SAGE. Em 1957, conduziu a primeira demonstração do compartilhamento de tempo. No IPTO, Licklider começou um projeto com o objetivo de fazer uma rede de computadores e, após muito trabalho, os dois primeiros elos daquele que viria a ser a ARPANET¹⁶, foram interconectados entre a Universidade da Califórnia em Los Angeles e o SRI (que

¹⁴ O TCP/IP é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede (também chamado de pilha de protocolos TCP/IP). Seu nome vem de dois protocolos: o TCP (Transmission Control Protocol - Protocolo de Controle de Transmissão) e o IP (Internet Protocol - Protocolo de Interconexão). O conjunto de protocolos pode ser visto como um modelo de camadas, onde cada camada é responsável por um grupo de tarefas, fornecendo um conjunto de serviços bem definidos para o protocolo da camada superior. As camadas mais altas estão logicamente mais perto do usuário (chamada camada de aplicação) e lidam com dados mais abstratos, confiando em protocolos de camadas mais baixas para tarefas de menor nível de abstração. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/TCP/IP>, consultado em 09/09/2009.

¹⁵ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>. Acesso em 09/09/2009.

¹⁶ Desenvolvida pela agência estadunidense ARPA (Advanced Research and Projects Agency) em 1969, tinha o objetivo de conectar as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo americano. Esta rede teve o seu berço dentro do Pentágono e foi batizada com o nome de ARPANet. No final dos anos 70, a ARPANet tinha crescido tanto que o seu protocolo de comutação de pacotes original, chamado de Network Control Protocol (NCP), tornou-se inadequado. Foi então que a ARPANET começou a usar um novo protocolo chamado TCP/IP. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/ARPANET>, Acesso em 09/09/2009.

viria a ser o SRI International)¹⁷, em 29 de outubro de 1969. A ARPANET, a mãe da Internet, foi uma das primeiras redes da história da Internet atual.

A ARPANET funcionava através de um sistema conhecido como *chaveamento de pacotes*, um sistema de transmissão de dados em rede de computadores no qual as informações são divididas em pequenos *pacotes* que, por sua vez, contém trecho dos dados, o endereço do destinatário e informações que permitiam a remontagem da mensagem original. O ataque inimigo nunca aconteceu, mas o que o Departamento de Defesa dos Estados Unidos não sabia era que dava início ao maior fenômeno midático do século.

Já na década de 70, a tensão diminuiu e o governo dos EUA permitiu que pesquisadores que desenvolvessem, nas suas respectivas universidades, estudos na área de defesa pudessem também entrar na ARPANET. Com isso, a ARPANET começou a ter dificuldades em administrar todo este sistema, devido ao grande e crescente número de localidades universitárias contidas nela. Dividiu-se então este sistema em dois grupos, a MILNET, que possuía as localidades militares e a nova ARPANET, que possuía as localidades não militares. O desenvolvimento da rede, nesse ambiente mais livre, pôde então acontecer. Não só os pesquisadores como também os alunos e os alunos dos amigos tiveram acesso aos estudos já empreendidos e somaram esforços para aperfeiçoá-los.¹⁸

Um sistema técnico denominado Protocolo de Internet (*Internet Protocol*) permitia que o tráfego de informações fosse encaminhado de uma rede para outra. Todas as redes conectadas pelo endereço IP na Internet comunicam-se para que todas possam trocar mensagens. Através da *National Science Foundation*, o governo norte-americano investiu na criação de *backbones* (que significa espinha dorsal, em português), que são poderosos computadores conectados por linhas que têm a capacidade de dar vazão a grandes fluxos de dados, como canais de fibra óptica, elos de satélite e elos de transmissão por rádio. Além desses *backbones*, existem os criados por empresas particulares. A elas são conectadas redes menores, de forma mais ou menos anárquica. É basicamente isto que consiste a Internet, que não tem um dono específico.

¹⁷ O SRI (Stanford Research Institute) foi fundado em 1946 pelos administradores da Universidade de Stanford. Tornou-se independente da Universidade em 1970 e hoje o SRI Internacional, é um instituto de pesquisas sem fins lucrativos que trabalha junto a agências governamentais, empresas comerciais e fundações privadas. Disponível em <http://www.sri.com/>, Acesso em 09/09/2009.

¹⁸ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>, consultado em 09/09/2009.

A Organização Europeia para a Investigação Nuclear (CERN) foi a responsável pela invenção da *World Wide Web*, ou simplesmente a *Web*, como hoje a conhecemos. Corria o ano de 1990, e o que, numa primeira fase, permitia apenas aos cientistas trocar dados, acabou por se transformar na complexa e essencial Web. O responsável-mor pela invenção chama-se Tim Berners-Lee, que construiu o seu primeiro computador na Universidade de Oxford, onde se formou em 1976. Quatro anos depois, tornava-se consultor de engenharia de software no CERN e escrevia o seu primeiro programa para armazenamento de informação – chamava-se *Enquire* e, embora nunca tenha sido publicado, foi a base para o desenvolvimento da Web.

Em 1989, propôs um projeto de hipertexto que permitia às pessoas trabalhar em conjunto, combinando o seu conhecimento numa rede de documentos. Foi esse projeto que ficou conhecido como a World Wide Web. A Web funcionou primeiro dentro do CERN, e no verão de 1991 foi disponibilizada mundialmente. O primeiro website (sítio) que Tim Berners-Lee construiu foi no CERN e, inicialmente, era unicamente página de texto sendo colocada online em 7 de agosto de 1991. Oferecia uma explicação sobre o que a World Wide Web era, como alguém poderia criar um navegador, como instalar e configurar um servidor web, e assim por diante. Através de páginas web classificadas por motores de busca e organizadas em sítios web, milhares de pessoas possuem acesso instantâneo a uma vasta gama de informação online em hipermídia. Comparada às enciclopédias e bibliotecas tradicionais, a Web permitiu uma extrema descentralização da informação e dos dados. Isso inclui a criação ou popularização de tecnologias como páginas pessoais, weblogs e redes sociais, no qual qualquer um com acesso a um navegador (um programa de computador para acessar a *www*) pode disponibilizar conteúdo.

Como aponta Manuel Castells, sociólogo espanhol e estudioso da rede, o crescimento e a popularização da Internet resulta dos esforços coletivos de jovens da contracultura, ideologicamente engajados ou não em uma utopia de difusão da informação, que contribuíram decisivamente para a formação da Internet como hoje é conhecida. Castells assumiu a tal ponto esta posição que afirmou, no livro *A Galáxia da Internet*, que “a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural”. (Castells, 2003, p. 77).

No Brasil, a história da Internet começa no final dos anos 1980, mais

precisamente em setembro de 1988, quando uma conexão internacional interligou a tímida iniciativa brasileira de redes acadêmicas ao mundo. Seus primeiros usuários, pesquisadores, alunos e professores, tiveram acesso à maravilha do correio eletrônico, a bases de dados no exterior e, mesmo, ao acesso à rede mundial de computadores. Não era, ainda, a Internet. A essa só nos conectamos em 1991, ainda sem saber da magnitude do impacto que estava por vir. Até 1994, os usuários da rede eram os acadêmicos, uns poucos órgãos de Governo e algumas organizações não governamentais.

Em 1994, com o surgimento dos primeiros provedores de acesso e a migração maciça das antigas *BBSs* (Bulletin Board Systems) para a rede, empresas brasileiras e o público em geral tiveram contato com a Internet.¹⁹

Assim, no início dos anos 1990, com a criação da Web, muda drasticamente as características da rede. A exemplo de um teia mundial, a Web traz para a Internet a multiplicidade de meios, a massas imensas de usuários, a possibilidade de estender a todos o direito à expressão de suas idéias, opiniões e conteúdos. O internauta deixava de ser um técnico especializado em computação e passava a ser todo e qualquer cidadão interessado em se informar, vasculhar a rede, ou trazer conteúdo próprio, contribuindo para sua expansão. No entanto, a explosão da “Internet comercial” no Brasil ocorreu, simultaneamente ao fenômeno mundial, somente a partir de 1995. Já a utilização mundial da Internet como espaço comercial, marco livremente estabelecido, toma como exemplos clássicos, citados com frequência, o da primeira pizza encomendada ‘virtualmente’ pela Internet, nos Estados Unidos em 1994, e que, surpreendentemente, foi entregue! E a iniciativa pioneira do primeiro banco virtual, ou entidade financeira para transações na rede, o *First Virtual Bank*, criado para operar sobre a Internet, também em 1994.²⁰

O otimismo pelos negócios via rede e a valorização dos crescentes ativos virtuais atingiu seu ponto máximo em janeiro de 2000, quando a Time Warner, empresa quase centenária e pertencente ao “mundo real”, foi comprada pela AOL, American Online, uma jovem empresa do “mundo virtual”, à época com 15 anos

¹⁹ GETSCHKO, Demi. Internet, Mudança ou Transformação?. In: CGL.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008*. São Paulo, 2009, pp. 49-52.

²⁰ Idem.

de existência. A especulação nos negócios virtuais que já era grande cresceu ainda mais e, com elas, as expectativas depositadas se tornaram a tal ponto exageradas que culminou no fenômeno econômico, posteriormente conhecido como “a bolha da Internet”. Bolha que, como as de sabão, se rompeu rapidamente, ainda no mesmo ano de 2000, levando os ‘adivinhos’ que faziam as otimistas previsões sobre a economia virtual, a mudar de posição e passar a criticar a fluidez do desconhecido e instável “mundo virtual, dos bits” quando comparado ao sólido e conhecido “mundo real, dos átomos”. Entretanto, o movimento pendular buscou seu equilíbrio na direção do mundo eletrônico, que viera para ficar.

No Brasil, a “bolha” também foi sentida e ocasionou a quebra de muitas empresas jovens e ambiciosas, que não possuíam a sabedoria necessária para sincronizar seus passos rumo ao futuro com a realidade do mercado. Assimilada a lição da “bolha”, a Internet retomou o curso de sua presença: crescer e modificar o ambiente social, cultural, político e econômico. Alguns exemplos dessa mudança se tornam visíveis como a criação coletiva (Wikipédia), o prosperar constante das redes sociais (Orkut, Facebook, MySpace, etc.), a disseminação de código livre e aberto (Linux), o voto eletrônico, a entrega da declaração de Imposto de renda via Internet, além de discussões e troca de opiniões que vão desde as novas formas de produção de riqueza, passam por questões ambientais e de interesse público, até as mais banais como o destino dos personagens de programas televisivos, a exemplo do Big Brother Brasil.

A Internet também possibilita discussões sobre questões que contam com a participação em grau inusitado entre milhares de parceiros, sem considerar fronteiras culturais e/ou geográficas; a contestação de paradigmas de propriedade cultural; a proposição de modelos globais de economia, de ética, de cidadania, de legislação, e ainda a mudança radical na postura do internauta quando este passa a se despreocupar com o tempo de acesso à rede e torna-se, virtualmente, uma presença permanente.²¹

No entanto, apesar do seu reconhecido potencial para provocar mudanças e das rupturas que sua presença tem causado, vale pontuar que o contexto de surgimento e de crescimento da Internet não é homogêneo e harmônico. É, primeiramente, concreto e historicamente determinado. Sob essa ótica, a Internet é

²¹ Idem, *ibidem*.

filha e herdeira das contradições e desigualdades (políticas, econômicas e culturais) existentes no mundo real e, por esse motivo, se encontra inevitavelmente delimitada pelas condições que lhes são externas, tais como a educação e o nível sócio-econômico dos usuários. Assim, sua presença, embora redimensione, não suprime as relações de dominação existentes e, em muitos sentidos, a maior parte da população permanece ainda excluída desse processo.

2.2 Em tempos de 'Sociedade da Informação'

Para estudar a sociedade contemporânea, inicialmente, penso ser interessante elencar algumas metáforas e outras figuras de linguagem comumente utilizada para descrevê-la. Dentre estas, citamos: “aldeia global”, de M. McLuhan (1995); “sociedade pós-industrial”, de D. Bell (1977); “sociedade pós-capitalista”, de P. Drucker (1993); “*Cyberspace*”, de Wohlers (1997) ou sociedade do “espaço virtual”, de P. Lévy (1996); “sociedade da informação”, de A. Toffler (1985) e A. E. H. Toffler (1994); “teia global” de R. Reich (1993); “sociedade informática”, de A. Schaff (1993) entre outras. É surpreendente a rapidez com que essas metáforas brotam, são repetidas e incorporadas ao uso, de tal modo que parecem transformar-se em profecias auto-realizadas. Para Ortiz (2006), desde o final do século XX nos tornamos prisioneiros de um conjunto de metáforas que são amplamente utilizadas na tentativa de definir as transições da sociedade contemporânea, mas que em síntese são variações terminológicas que refletem, antes de tudo, as incertezas.

Conceitualmente, o elo entre essas metáforas parte do entendimento de que o acesso à informação e à comunicação se configura como o principal recurso para a inclusão dos indivíduos nos processos de sociabilidade contemporâneos. Concretamente, a realidade apresenta disparidades de acesso e de usos entre países, entre regiões de um mesmo país, entre grupos de uma mesma região, e entre indivíduos de um mesmo grupo.

Assim, por apresentar diferentes níveis entre os que têm e os que não têm essa possibilidade, a profusão de metáforas, quando aplicadas indistintamente, desconsiderando os contextos e as diferenças entre os países desenvolvidos e os

em desenvolvimento, como no caso do Brasil, serve para iluminar alguns aspectos das mudanças, enquanto ocultam outros. Também para Santos (1996, p.41) “as metáforas não podem decretar a morte dos conceitos”; quando ocorre em um determinado momento histórico das metáforas assumirem a supremacia sobre os conceitos, ou seja, quando as heterogeneidades são homogeneizadas sob uma metáfora, ocorre uma mágica extinção dos conflitos de classe, institui-se a permanência das disparidades bem como a eliminação das diferenças entre regiões, países e blocos. Nesse sentido, é sempre preciso relativizar o contexto em que o uso das metáforas se insere, a representação e a identidade que assumem perante uma sociedade que apresenta características econômicas, políticas e sociais distintas.

Hoje, com o aprofundamento da integração econômica, social, cultura e política dos grandes, médios e pequenos países durante o processo de globalização, definem-se mudanças significativas no âmbito transnacional, principalmente na esfera da economia e da tecnologia. O capitalismo se institui como sistema econômico global, do mesmo modo que a tecnologia digital - computadores, Internet, telefonia móvel, satélites, etc. - se afirma como o principal sistema técnico em todo o planeta. Para analisar esse cenário atual de mudanças, me parece necessário ter em mente os mesmos cuidados apontados por Ortiz (1989), quando de suas análises das mudanças anteriores.

A velocidade da comunicação; a autonomia do percurso; a possibilidade de co-autoria do conteúdo; o contato com múltiplas fontes de informação; assim como, o estabelecimento de redes simbólicas entre pessoas distantes de diferentes contextos culturais são algumas mudanças intensificadas pela inserção da Internet no espaço sócio-cultural contemporâneo. Essa inserção, a exemplo de outras ocorridas anteriormente – a imprensa, o cinema, o rádio e, posteriormente, a televisão – altera o panorama de um dado meio cultural, articulando novas formas de representação, de comunicação e de socialização, que precisam ser mais bem investigadas. Se o novo promove mudanças, também permite continuidades, posto que o antigo, ainda que com nova roupagem, permanece. Daí a necessidade de se construir uma investigação criteriosa sobre os impactos positivos e/ou negativos da Internet, priorizando nesse estudo suas potencialidades para o campo educacional.

Para Castells (2003), a Internet se constitui como um terreno disputado, na medida em que está se tornando um meio essencial de comunicação de informação e de organização em todas as esferas de atividade. Assim, nada mais natural que também a educação a utilize como um instrumento privilegiado para atuar, informar, organizar, educar, conhecer e transformar.

A esse respeito, o entendimento das implicações e das potencialidades propiciadas pela rede para o campo educacional, ainda não me parece suficientemente claro.

A construção desse entendimento implica dar voz e visibilidade às interações dos usuários, para que estas revelem seus usos, apropriações e representações *com, sobre e na* Internet.

As discussões acerca da ‘Sociedade da Informação’²² devem pressupor a compreensão ou, ao menos, a consideração de uma série de elementos contextuais – econômicos, políticos, sociais – que a apontam como subjugada e regida pelas leis de mercado, mas cuja homogeneização se verifica muito mais no campo da especulação teórica e menos do cotidiano e das realizações sociais. “A globalização não é uma homogeneização, mas, ao contrário, é a extensão do domínio de um pequeno número de nações dominantes sobre o conjunto das praças financeiras nacionais” (Bourdieu, 1998, p.54).

As mudanças ocorridas nas relações de trabalho e de trocas econômicas refletem nas trocas simbólicas e nos permitem a relativização de conceitos até então sedimentados.

Como muito bem enfatiza Bianchetti (2008, p.54), no campo do trabalho da sociedade da informação, fica difícil falar em ‘mão- de- obra’, uma vez que o trabalho manual perde a centralidade, erigindo-se o conhecimento em seu lugar. Assim procedendo, termina-se desmaterializando a produção da existência já que as novas TIC’s possibilitam a atuação imaterializada, ou ainda agindo como se a existência não precisasse mais ser produzida.

Podemos dizer que a "chamada" economia "material" depende cada vez mais dos elementos "imateriais" (Negri, 2001. 2002. 2005) que a ela se agregam e a qualificam: ou seja, da produção de conteúdos simbólicos, afetivos, lingüísticos,

²² Ainda que não completamente de acordo com esta metáfora, recorro a ela nesta pesquisa, como um recurso discursivo, sempre que precisar me referir às mudanças provocadas pela inserção das TIC’s, principalmente da Internet, na sociedade contemporânea.

estéticos, educacionais etc. “Foi dado ‘adeus ao trabalho’ e ‘adeus ao proletariado’, mas não adeus aos patrões e ao capital” (Bianchetti, 2008, p.55).

Como bem ilustra a figura 1, logo a seguir, na ‘economia imaterial’, as relações sociais e de trabalho são comumente reduzidas a problemas de conectividade. Quanto mais ‘conectado’, mais capacidade de mobilidade e de ação o indivíduo possui para estabelecer comunicação com os outros. Por conseguinte, mais facilmente se constitui como sujeito individual e coletivo.

Figura 1 – As tecnologias nas relações do trabalho



Fonte: mileseabra.blogspot.com

Contudo, para aqueles que pensam emancipar-se por meio da ‘conexão intensiva’ às redes, muitas vezes ocorre que, em realidade, sofrem novas formas de exploração e novas tensões existenciais. Basta pensar nos milhões de proprietários de celulares que, se por um lado facilita seu trabalho e a comunicação com os familiares, por outro, graças a este aparelho de conexão, se tornam trabalhadores sem horário, alcançáveis em qualquer lugar e momento do dia ou da noite. Ou seja, a conexão embora produza a sensação de estar inserido e ‘atenado’ com as exigências do mercado de trabalho na ‘sociedade da informação’, na prática “não elimina as distâncias geradas pelas diferenças nem as fraturas e feridas da desigualdade”. (Canclini, 2007 p.99).

Dessa maneira, a ênfase na submissão às regras da economia de mercado teria o papel de dar legitimidade social, moral e intelectual à ‘sociedade da

informação' às práticas do capitalismo. Estas não se fazem valer pelo uso da coação ou da imposição, mas sim pela sedução, pela persuasão e pelo apelo ao discurso do pertencimento e do consumo. Sob a regência das novas regras do mercado, vigora e difundem-se, no âmbito do trabalho, que a inserção, a participação e o sucesso pessoal são escolhas do sujeito. Assim, o desemprego passa a ser qualitativo e não mais quantitativo, ao mesmo tempo em que a empregabilidade surge como mérito pessoal e, portanto, ao alcance de qualquer outro indivíduo que queira percorrer o mesmo caminho.

Isso representa dizer que ingressar ou manter-se no mercado de trabalho deixa de ser um problema estrutural e conjuntural, fruto da dinâmica organizacional, gerencial e técnica, e passa a ser um problema individual do trabalhador que não se qualificou por meio de uma formação, que agora deve ser permanente e continuada, sintonizada com a constante modulação e adaptação ao novo. O sujeito constantemente modulado vive o processo denominado por Deleuze de moratória ilimitada, em que a “dívida” frente às instituições se torna impossível de ser quitada. Como desaparece a possibilidade de considerar-se alguém plenamente formado, independente do grau de escolarização alcançado, prioriza-se a formação permanente que para Deleuze se constitui no “meio mais garantido de entregar a escola à empresa”. (Deleuze, 1992: 221).

Cabe aqui considerações adicionais acerca do conceito de moratória ilimitada e as interfaces que o mesmo efetua. Por exemplo, em análises tecidas por Ehrenberg, A. no livro *L'individu Incertain*, 1998, a contemporaneidade estaria vivendo uma condição de substituição do superego, entendido como limitador das ações individuais para uma condição de ideal de ego que se caracterizaria pela expectativa de uma identidade idealizada, que nunca se realizaria, por completo, gerando assim, a moratória ilimitada. A educação que antes “moldava”, formava e conformava o indivíduo para o mercado de trabalho, representado em grande parte pela fábrica, hoje “modula” para atender ao *ethos*²³ empresarial cujo discurso incentiva e valoriza a capacidade dos indivíduos e das estruturas organizacionais de se modularem, permanentemente, às constantes mudanças decorrentes do

²³ O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Seria assim, um valor de identidade social. Para os gregos significava o "conjunto de hábitos e ações que visam o bem comum de determinada comunidade". Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>. Acesso 25/10/2009.

avanço da ciência e da técnica. Desse modo, os vínculos estáveis de trabalho são desqualificados e desvalorizados, passando a ser valorizada a capacidade de empregabilidade de cada um. Isso além de, perversamente, romper com as relações fixas, incentivando a competitividade, amplia para o cultural, para as relações interpessoais e para o afetivo a instabilidade que o sujeito vive no campo do trabalho. Por isso a instabilidade no emprego, o culto ao novo, ao descartável e ao efêmero, regem e justificam a superficialidade das relações afetivas, ao mesmo tempo em que incentivam o consumo.

Segundo esta nova lógica, o conhecimento estaria, portanto, se transformando no recurso que mais agrega valor aos negócios e, por conseguinte, à economia. Estimular, manter e desenvolver as competências necessárias para o sucesso do negócio tornou-se o desafio primordial da gestão de pessoas contemporânea. Contudo, a própria concepção de conhecimento modifica-se. Este passa a conceituar uma entidade supra e autônoma, independente de seus autores e possuidores, como se pudesse existir como tal por outra via que não seja a da construção humana, numa realidade histórico-social concreta. A equivalência entre conhecimento e informação é um grande equívoco dessa concepção.

Coletar e armazenar informações pode até se constituir numa condição necessária para a produção de conhecimentos, mas jamais será o suficiente. É certo que as TIC's se apresentam com uma capacidade antes jamais vista para estocar e veicular informações, mas dessa condição à efetivação desse potencial em conhecimento vai um caminho muito mais longo e tortuoso. Sem os suportes sociais necessários – econômicos, culturais, educacionais e de acesso - para que os usuários transformem a informação em conhecimento, persistem as desigualdades, tanto no mundo real quanto no digital.

Norbert Wiener (1993), já na década de 50 do século passado, percebendo a grande quantidade de informações disponibilizada na rede e, ao mesmo tempo, a grande desconexão existente entre elas, vaticinou que o mundo estava caminhando para a realização da segunda lei da Termodinâmica, segundo a qual a confusão aumenta e a ordem diminui. Isto é, ao invés da expansão dos conhecimentos em suas gradações (a entalpia), o resultado seria a entropia, embora os equipamentos tenham potencialmente condições para resistir a esta. Para o autor, a sociedade só poderá ser considerada da informação, quando desaparecerem todos os entraves que impeçam a produção, veiculação e apreensão da informação. Sob essa ótica, as

TIC's, sem otimismo ingênuo ou pessimismo arraigado, possuem o potencial para se constituírem em meios poderosos para a construção do conhecimento.

Analisando o desenvolvimento tecnológico atual e os impactos iniciais provocados pelo surgimento da rede mundial de computadores, Breton, (2000) estabelece três classificações possíveis para os discursos recorrentes acerca da Internet: o dos militantes “tudo-Internet”, que cultuam as tecnologias de comunicação digital; o dos “tecnofóbicos”, hostis praticamente a toda tecnologia e que temem a Internet por não compreendê-la; e o daqueles que pensam que o uso racional das tecnologias de comunicação pode, em certas condições, trazer benefícios para a sociedade em geral.

Para os entusiastas, as tecnologias surgem como possibilidade de construção de uma *tecnodemocracia* (Levy, 1993), que tornaria viável o desenvolvimento de comunidades inteligentes organizadas com base nos interesses e preferências individuais. O espaço virtual, considerado como um espaço social de trocas simbólicas com capacidade para integrar pessoas dos mais diversos locais do planeta, carregaria consigo a promessa de um novo vínculo social, o da associação universal.

Para a educação, a liberação do pólo da emissão privilegiando a troca, a sociabilidade, a multiplicidade e a interatividade, viabilizaria a qualquer um ser não apenas consumidor, mas também produtor de informação. Os discursos provenientes dessa visão acenam com a promessa de democratização da informação, de ampliação das oportunidades onde existe escassez de recursos educacionais, e de motivar os profissionais e os alunos para aprenderem, continuamente, em qualquer estágio de suas vidas.

Na opinião de Breton (2000) o segundo discurso, dos tecnofóbicos, se opõe à técnica por filosofia, por desconhecimento ou por simples irritação e criam um tipo de resistência, passiva, mas eficaz, à difusão das tecnologias de comunicação. Os pessimistas além de denunciarem os mecanismos de exclusão e os excessos (Baudrillard, 1996), sustentam que, sobretudo nos países periféricos ou subdesenvolvidos, o uso desenfreado de aparatos tecnológicos representa o acirramento das desigualdades. Na medida em que apenas uma minoria de privilegiados possui a chave de acesso para “navegar” neste mundo virtual e informacional, a esmagadora maioria ficaria destinada apenas à observação.

Impotente e segregada na localidade, com pouca ou quase nenhuma mobilidade, permaneceria confinada aos conhecimentos e aos territórios que sempre ocuparam.

Já o terceiro é o daqueles que tentam promover uma leitura moderada em relação às mesmas. Essa última postura teria dificuldade em se afirmar, acredita Breton, porque toda a opinião crítica ou simples convocação ao debate sobre a Internet tem sido reduzida, sobretudo pela mídia, a um simples ‘a favor ou contra’, embora ocorra, segundo o autor, certa predominância dos discursos otimistas em relação aos pessimistas.

A meu ver, tanto a posição do primeiro quanto a posição do segundo grupo, com suas visões extremadas, apologéticas ou condenatórias, simplificam o debate e fazem crer que estamos diante de “profetas de um olho só”: os primeiros vêem apenas os efeitos positivos; os outros são incapazes de reconhecer qualquer positividade. Vale destacar que, hoje, após alguns anos de pesquisas e reflexões em torno da rede, não podemos mais nos deixar conduzir por tendências puramente apocalípticas ou complacentes. Fazem-se necessários olhares mais cuidadosos que contemplem o conflito, que reflitam as vantagens e as negatividades, para pensar as redes, os usos, os processos de apropriação e as relações entre tecnologia e cultura.

Nesse sentido, é na terceira perspectiva apresentada por Breton que se insere este trabalho. Ainda que para o autor esta postura se apresente como a menos viável de se afirmar, essa opção permite o distanciamento das posturas apocalípticas, integradas e deslumbradas que compõem grande parte da crítica sobre a Internet. Evitando as posições catastróficas ou deslumbradas com o novo contexto, minha questão é tentar empreender algumas reflexões críticas sobre a realidade das interações dos jovens com as mídias, considerando os diferentes contextos em que essas interações ocorrem.

2.3 **Representações e culturas: novos olhares**

O processo de construção de uma pesquisa passa, obrigatoriamente, pela sua contextualização temporal e espacial. A leitura de *A Moderna Tradição Brasileira* (1989) de Renato Ortiz permitiu a reflexão de que toda

contextualização deve levar em consideração a realidade específica do país tendo em vista o seu processo histórico. Isso representa uma tentativa de compreender sua organização social, os debates que perpassam essa sociedade e o cenário em que eles ocorrem; as relações de poder imbricadas nesses processos; as estruturas mercadológicas de produção e de consumo, etc. Esse cuidado contribui para evitar a adoção de conceitos ‘importados’ que são adaptados e aplicados inadequadamente em outros contextos. É necessário definir os limites e as possibilidades para operar com um conceito em uma determinada realidade, considerando os processos históricos constituintes dessa realidade.

Ortiz (1989), ao problematizar o papel da cultura na sociedade brasileira, comparando historicamente os anos 40/50 e os anos 60/70, o autor evidencia que alguns conceitos surgem como uma “idéia fora de lugar que se expressa como projeto, mas que, em realidade, ainda não está acontecendo” (Ortiz, 1989, p.290). Para o autor, isso ocorreu no Brasil com o conceito de “Indústria Cultural”²⁴, expressão cunhada pelos teóricos da Escola de Frankfurt para definir a emergência de uma indústria na esfera da cultura, com fins lucrativos e mercantis, como prolongamento das técnicas utilizadas na indústria fabril. Seu papel fundamental era o de conter e subverter formas de consciência de oposição ou crítica em nome da classe capitalista dominante.

Os produtos dessa indústria são elaborados de forma a aumentar o consumo, moldar hábitos, educar, informar, pretendendo, em alguns casos, ter a capacidade de atingir a sociedade como um todo. Normalmente, se considera sob esse conceito apenas os produtos midiáticos, mas para alguns autores, ele também pode abarcar instituições educacionais, religiosas, etc., que, tomadas juntas, respondem pela reprodução de formas hierárquicas e hegemonias de sentidos, que combinam com os interesses das classes dominantes. Para Adorno (1997), a Indústria Cultural possuía a capacidade de absorver em si os antagonismos e propostas críticas, em vez de combatê-los. Desta forma, a cultura de massa

24 A expressão "Indústria Cultural" foi utilizada pela primeira vez pelos teóricos, Theodor Adorno e Max Horkheimer no livro *Dialektik der Aufklärung* (Dialética do Esclarecimento, no Brasil). Fundada em 1923 em Frankfurt na Alemanha e obrigada a emigrar para os Estados Unidos durante os anos 30, foi durante sua permanência nos EUA que os autores desenvolveram suas análises sobre os meios de comunicação de massa, chamados por eles de Indústria cultural, cujo exemplo paradigmático é Hollywood em sua idade de ouro. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>, consultado em 29/11/2007, acrescida de definições encontradas em O' SULLIVAN, Tim. (org.). *Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura*, São Paulo: Unimep, 2001.

alcançaria a hegemonia: elevando ao seu próprio nível de difusão e exaustão qualquer manifestação cultural, e assim tornando-a efemêra e desvalorizada.

Ainda segundo Ortiz (1989), nos países periféricos como no caso do Brasil, o processo de modernização se configura como uma vontade que se antecipa, posto que o ideário chega antes de existirem as condições materiais, econômicas, sociais e culturais para sua concretização. A Indústria Cultural no Brasil não apresenta homogeneidade, pois existe uma grande diferença entre as classes sociais. A desigualdade na divisão de renda impossibilita a existência de uma sociedade de consumo consistente.

Os obstáculos que se interpunham ao desenvolvimento do capitalismo brasileiro colocavam limites concretos para o crescimento de uma cultura popular de massa. Faltava o caráter racional integrador apontado pelas análises frankfurtianas. Ou seja, ocorre uma "defasagem entre modernização aparente e a realidade da inexistência de condições materiais para se pensar a indústria cultural, como já tinha ocorrido na Europa e nos Estados Unidos". (Ortiz, 1989, p.32).

Assim, há que se ter cuidados na utilização de determinados conceitos em determinados contextos posto que os conceitos não existem por si só, desvinculados dos seres humanos, inseridos em um determinado tempo e espaço histórico social. Para a filosofia, os conceitos são representações mentais de um objeto, abstrato ou concreto, elaborado pelo pensamento humano em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade. Essa é uma compreensão que também encontra respaldo no pensamento de Ortiz, quando este sinaliza para o fato de que os conceitos e as categorias de análises das ciências sociais vêm marcados de historicidade.

Longe de serem universais, ou seja, permanentes, sua validade depende das situações concretas nas quais se enraízam. Portanto, as transformações da realidade, quando tomadas como objeto sociológico exigem a elaboração de novas categorias de pensamento. (Ortiz, 2006 p.176).

Sob essa ótica, os objetos corporificam suas próprias idéias, significados, leis padrões de valor que possibilitam defini-los e compreendê-los em seus próprios termos. Essa compreensão exige uma abstração, já que nenhum conteúdo objetivo se realiza por sua lógica própria. A cognição não pode apreender a

realidade em sua imediaticidade – o que chamamos de conteúdo objetivo é algo concebido a partir de uma categoria específica. Existem várias categorias de interpretação, sendo que nenhuma delas poderá ser o caminho único e adequado ao conhecimento.

Como os conceitos não existem por si só, me parece que categorias como representação, cultura, juventude e acesso, para citar apenas algumas, são conceitos produzidos no espaço do ‘entre’. Entendo o ‘entre’ como o espaço em que ocorre a interação entre dois ou mais campos específicos, cada qual com sua lógica própria e diferenciada.

Essa interação não se dá de forma coesa e sim em meio a conflitos, absorções, permeações, tensões e resistências mútuas. Embora configurados como campos distintos, estes espaços ‘entre’ reafirmam a base de sustentação da existência de uma interface entre os campos que oferece a possibilidade de um diálogo interdisciplinar. Essa perspectiva me permite, durante as operações de conceituação e re-conceituação, lançar mão de diferentes contribuições teóricas provenientes de diversos campos de conhecimento, tais como: a sociologia, a antropologia, a comunicação, a educação e a psicologia, em sua vertente social.

Contudo não tenho a pretensão, nem seria possível, dar conta de uma incursão aprofundada nessas diversas áreas, cujos conceitos inerentes a cada uma podem estar em relação de complementaridade e/ou de conflito. Acima de tudo, como aponta Simmel (2006), o significado prático do ser humano é determinado por meio da semelhança e da diferença. Seja como fato ou como tendência, a semelhança com outros não tem menos importância que a diferença com relação aos demais; semelhança e diferença são os grandes princípios de todo desenvolvimento externo e interno. “A história da cultura da humanidade deve ser apreendida pura e simplesmente como a história da luta e das tentativas de conciliação entre esses dois princípios”. (Simmel, 2006:45).

Assim, seguindo esses passos, nessa tese os conceitos são concebidos como construtos intelectuais, a exemplo do conceito de sociedade de Simmel (2006), segundo o qual esta é definida como,

uma abstração indispensável para fins práticos, altamente útil também para uma síntese provisória dos fenômenos, mas não um objeto real que exista para além dos seres individuais e dos processos que eles vivem. (Simmel 2006, p.08).

Tomando por objeto de discussão o conceito de representação, tão caro aos estudos das ciências (principalmente após o surgimento das TIC's), não podemos passar sem recuperar o conceito das “Teorias das Representações Sociais”, preconizada pelo psicólogo social europeu Serge Moscovici, também trabalhada pelos chamados interacionistas simbólicos (Berger, P.; Mead, G.; Goffman, E.). Embora tenha buscado inspiração no conceito de representações coletivas desenvolvido por Durkheim, que se funda em ‘fatos sociais’ de cunho coercitivo, exteriores aos sujeitos (mitos, religiões, ciências) mas que regulavam o social, Moscovici diverge e se debruça sobre fenômenos cotidianos e dinâmicos, para propor

a existência de dois universos de pensamento nas sociedades contemporâneas, os *reificados* e os *consensuais*. Nos primeiros, representantes do saber acadêmico e científico, há uma validação do conhecimento segundo rigores lógicos, metodológicos e objetivos, além de sua estratificação por hierarquias e compartimentarização em especialidades. O que se produz nesse âmbito visa atender a uma reprodutibilidade e uma fidedignidade. Já nos segundos impera uma “lógica natural”, uma legitimação de conhecimento pela atividade intelectual compartilhada socialmente no cotidiano, menos compromissada com as exigências da objetividade, verossimilhança e plausibilidade. Tais produções voltadas para o prático formam as Representações Sociais. (Sá, 2004 p. 19-45).

Segundo Moscovici (2003), os meios de comunicação de massa são fatores determinantes na formação das representações sociais à medida que exercem a função de mediadores entre o universo reificado (ciência) e o universo consensual, possibilitando a socialização das teorias científicas e sua transposição para o senso comum. Assim, as representações sociais se apresentam como uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos.

Buscamos compreender; abstrair significados das novas informações e fatos produzidos constantemente em função da proliferação dos centros de pesquisas científicas, da enorme profusão de idéias e “filosofias” escancaradas pelos meios de comunicação de massas e também criadas pelos “sábios amadores” nas ruas, bares e esquinas do senso comum; e operacionalizá-los, em nossos cotidianos. (Moscovici, 2003, p. 205).

Ainda para o autor, a dinâmica da rede e as linguagens que fazem à mediação (imagens, textos, sons), no que se refere às práticas representativas, criam possibilidades para a construção de representações ou expressões simbólicas específicas, viabilizando o surgimento de novas práticas dentro dos processos representativos.

Esse entendimento da dinâmica da rede se fortalece quando consideramos os resultados apresentados pela pesquisa '*JOVENS EM REDE: representação e significação da Internet pelo olhar de jovens universitários*'²⁵, que estudou a representação da Internet e seus significados na cultura midiática pelo olhar de jovens, nesse caso, universitários. A pesquisa partiu do pressuposto de que, ao investigar as múltiplas apropriações e interações realizadas por esse grupo na rede, seria possível apurar uma série de representações que estes jovens constroem tanto da realidade exterior, quanto de si mesmos. Os resultados obtidos não somente reafirmaram a importância da Internet para o jovem de hoje - como espaço de informação, de construção de conhecimento, de encontro, de comunicação e de lazer - mas, principalmente, demonstraram o poder da Internet como uma das principais 'lentes' de mediação entre os jovens e o seu entorno.

Muitos mitos gregos aludem ao fato de ser vetado ao homem a possibilidade de experimentar uma visão de uma divindade em toda a sua forma e plenitude. Para um simples mortal, a visão da 'verdadeira' forma da divindade era uma experiência de tamanha magnitude que sua condição humana não suportaria e, ao fim, implicaria na sua autodestruição. Daí as qualidades antropomórficas atribuídas aos deuses que, (do grego *anthropos*, "Homem" e *morphe* "Forma"), para se tornarem visíveis aos olhos humanos era necessário fazê-lo por meio de uma 'representação'. Ou seja, a visão que o homem tinha dos deuses era mediada pelas representações que estes construía com a intenção de interagir, se fazerem visíveis e compreensíveis ao olhar humano.

²⁵ Essa pesquisa foi desenvolvida, pelo Diretório Institucional de Pesquisa *Jovens em rede* - JER – sob a coordenação da pesquisadora Dra. Maria Aparecida Campos Mamede Neves, Professora Emérita do Departamento de Educação da PUC – Rio, desenvolvida no período 2005/ 2008. Estudar a representação da Internet e de seus significados na cultura midiática pelo olhar dos jovens constitui o campo de investigação deste Diretório, em cuja equipe me encontro inserida. O interesse central é compreender o modo como os jovens se apropriam das vivências com a 'cultura midiática' – escrita, oral, visual e, notadamente, digital – e como constroem compreensões de mundo, produzem e partilham valores, representações e significados em suas interações cotidianas. O objetivo dessa pesquisa foi verificar que representações os jovens fazem do Computador e da Internet, tendo como contraponto as suas representações do Livro e da Televisão, os dados estão disponíveis no site do grupo www.jovensemrede.net.

O contexto atual, pelo menos nos campos das ciências que se dedicam a estudar o modo como o sujeito constrói suas representações de mundo e de si, é comumente reconhecida e aceita a impossibilidade humana de estabelecer um contato direto com ‘a realidade’, em toda a sua forma e plenitude. Toda visão, entendimento, concepção de mundo, é sempre uma ‘representação’ mediada pelas diversas ‘lentes’ que os sujeitos possuem, criam e utilizam ao longo da sua vida, para superar as limitações da sua existência.

Hoje, assim como no caso dos deuses gregos, acreditar estabelecer um contato direto com ‘a realidade’ é uma ilusão humana, impossível de ser realizada. Sem abandonar a metáfora, posso dizer que, se o ‘Olimpo’ era politeísta, (ou seja, possuía muitos deuses), a realidade é polissêmica e multifacetada, ou seja, possui muitos sentidos, muitas formas e muitas ‘realidades’. Dessa maneira, qualquer de sua(s) face(s) visíveis que se apresenta ao nosso conhecimento, é sempre uma representação mediada e, por sua vez, a mediação interfere tanto na construção que o sujeito faz do mundo e de si, como nos efeitos dessa construção.

A Família, a Escola, a Igreja, e tantas outras instituições, são agentes mediadores entre os sujeitos e a realidade. Contudo, são os meios de comunicação e, crescentemente a Internet, pelo alcance e pela velocidade em transmitir informações, os principais mediadores que interferem na construção das representações de mundo. Isso ficou claro nos resultados da pesquisa, quando os jovens universitários entrevistados elegeram, dentre outras formas de interação midiática (livro, computador, televisão) a Internet, como um espaço cada vez mais representativo no processo de construção de sentidos que formam a visão que os atores da pesquisa tem do mundo e de si, considerando que é no campo das representações que se constituem as apropriações que os sujeitos fazem do seu entorno e, nessa interação, constrói a “*representação-de-si-no-mundo*”.

Segundo Wilmer (2002), a “*representação-de-si-no-mundo*” é uma espécie de filme holográfico, quadridimensional, que está transcorrendo em tempo real, permanentemente projetado na tela mental, através das lentes perceptivas do indivíduo, com menor ou maior distorção, simultâneo à realidade exterior, da qual se origina e se pretende ser cópia, mas que é sempre necessariamente deformada, posto que é resultado das interpretações e superinterpretações desse indivíduo. Se essa representação ocupa o espaço psíquico, se é o aspecto “interior”, então, esse indivíduo se completa no aspecto “exterior”, o si-no-mundo.

O “si-no-mundo” consiste, assim, na outra parte do indivíduo - indivíduo esse que, justamente por ser capaz de representar mentalmente, é humano e, como tal, se constitui de duas instâncias relacionadas, uma “dentro” e uma que lida com o “fora”. O “si no mundo” é esta instância cuja relação com as outras pessoas e o mundo físico-social será representada no indivíduo. Por consequência, indivíduo e contexto não podem ser conceitualmente separados, dicotomizados, já que o “*si-no-mundo*” participa de ambos.²⁶

A Internet, citada de forma significativa pelos jovens ouvidos na pesquisa do Jovens em rede, se revela em frases como: ‘*Um novo mundo*’ (questionário 932); ‘*Meio de informação veloz para a comunicação entre pessoas*’ (questionário 974); ou ainda ‘*Facilita, mas o lado negro assusta*’ (questionário 945).

Na Internet, o jogo de se esconder e de se mostrar por meio das ‘narrações de si’, se multiplicam nos *blogs*, nos *fotologs*, nas comunidades virtuais (Orkut; Facebook; MySpace), por meio de textos, fotografias, imagens, ícones, vídeos, etc., que fazem relatos detalhados de uma vida qualquer, registradas pelo próprio protagonista. Esse entendimento foi observado, também durante a minha pesquisa, por meio das respostas dadas por alguns jovens, quando questionados sobre quais os espaços e as práticas na rede com que mais se identificavam: ‘*gosto de freqüentar espaços como o facebook, porque ali posso fingir ser outra pessoa*’, admitiu um estudante, 20 anos, do projeto ‘terza área’ do Instituto Oriani Mazzini. Complementando a resposta do colega, outra estudante, 17 anos, declara que ‘*gosto tanto do facebook quanto do MSN, porque posso fingir ser quem quiser, e dizer com mais liberdade aquilo que gosto e que penso*’. Também na pesquisa com os alunos brasileiros do Instituto de Educação Clélia Nanci, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, aparece o mesmo discurso sobre as possibilidades que a Internet abre para a criação de novas imagens e sentidos sobre si mesmos: ‘*No Orkut, só falo sobre as minhas qualidades e só posto as minhas melhores fotos*’, admitiu uma aluna, 17 anos, apoiada por outra colega, 17 anos, que disse ‘*tenho vários perfis no Orkut, um para cada grupo de amigos diferentes*’.

²⁶ WILMER, Celso. Desemprego e auto-estima: uma tentativa de desenvolvimento, Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2002. Tese de Doutorado em Educação. Cap. 7.

Analisando as falas dos jovens acima, fica claro que a representação de si está ligada àquela que se faz do outro, como um espelho sobre o qual se busca a própria imagem. Nesse processo, ele fabrica seu próprio duplo, aquilo que aprende a dizer, a ver e a julgar sobre si, ao mesmo tempo em que captura e exterioriza esse eu duplicado; dito de outro modo: prevalece a representação do eu ideal sobre a do eu real (Mamede-Neves, 2000). Sob essa ótica, a subjetividade contemporânea se configura, ao mesmo tempo, como processo e produto, resultante das relações estabelecidas entre a vontade narcísica do ser visto e o prazer voyeurístico do ver, fabricando subjetividades exteriorizadas, em que a exposição se dá, invariavelmente, na esfera pública e o foco de visibilidade passa a incidir sobre o indivíduo comum. Nesse percurso, as informações vão sendo interpretadas e reorganizadas com base nas normas e nos valores dominantes de quem as transmitem e, em contrapartida, vão sendo, no processo de recepção, apropriadas e ressignificadas por indivíduos e grupos a partir de suas experiências e valores.

Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de reconstituir o senso-comum ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Do mesmo modo, nossas coletividades não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseadas em tronco de teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. (Moscovici, 2003, p. 48)

Dessa forma, novos conhecimentos e sentidos são elaborados, novas “teorias” surgem servindo de referência para os indivíduos e grupos no seu processo de apreensão da realidade e de atuação nesta. Sobre o assunto, Moscovici (2003) defende que as representações sociais operam em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem em função das próprias modificações que as ciências, as religiões e as ideologias sofrem. São aceleradas pelos meios de comunicação, uma vez que estes meios multiplicam estas mudanças e aumentam a necessidade de um elo entre as ciências e as crenças de um lado; e nossas atividades concretas como indivíduos sociais de outro.

No seu texto apresentado na Anped (2007), Paulo de Tarso analisa os processos constitutivos da sociedade atual, sob três perspectivas que, segundo o autor, correspondem às três práticas que compõem a experiência humana: a

prática representativa, a prática social e a prática produtiva. No âmbito da prática produtiva, vale a compreensão de que as tecnologias de comunicação e informação surgem não como um dado natural, mas como consequência da pesquisa e desenvolvimento de um campo científico próprio e de um empreendimento econômico específico, que resulta da indústria de telecomunicação, como prática econômica concreta. Já no âmbito das práticas sociais, abre-se a possibilidade de surgimento de novas relações sociais que, caso sejam reiteradas podem gerar uma nova prática social.

Considerando a esfera da cultura, espaço da prática social, como não existe uma única “cultura global”, torna-se, na opinião de Ortiz (2006), conceitualmente inconsistente falar em “globalização cultural”, sendo mais adequado entender o processo em curso como uma ‘mundialização da cultura’. Essa mundialização encontra-se articulada tanto às transformações econômicas e tecnológicas da globalização, como também se constitui em espaço de diferentes concepções de mundo, no qual convivem formas diversas e conflitivas de entendimento. Não se trata aqui de estabelecer uma ruptura entre o desenvolvimento tecnológico e as transformações culturais, posto que o primeiro interfere de modo importantíssimo no segundo, sendo a recíproca também verdadeira. Apenas adoto os cuidados do autor em estabelecer distinções, evitando justaposições entre as duas esferas.

Também não se trata nesse trabalho, de aderir aos discursos que naturalizam a interpretação dos fenômenos e retiram a capacidade de refletir criticamente, situando a compreensão na superfície das coisas. Trata-se de pensar a globalização tecnológica como um processo cultural da sociedade atual, permeado por diferenças, contrastes, distinções, conflitos e trocas, que originam diferentes usos, apropriações e representações que são construídas pelos usuários nas redes.

Concordo com Steinberg, quando este afirma que “na rede de computadores, as máquinas não apenas influenciam a formulação dos discursos, mas os próprios discursos só podem ser criados em conjunto com as máquinas”. (Steinberg, 2004 p.100). Afinal, defende o autor, é o uso da Internet, por milhões de pessoas, nos mais variados campos, o que dá validade aos protocolos de transferência de arquivos e dados e faz com que programas produtos e funções sejam mantidos, atualizados ou descartados.

O uso da rede é feito de forma voluntária. A adesão à rede não é imposta nem pelo mercado, nem pelos Estados. Pode, no máximo, ser estimulada ou não por eles. O que garante sua operação são a crença e a expectativa de seus usuários de que seus protocolos funcionem, protocolos esses que não são nada além de arquiteturas de sistemas implementados por programas que viabilizam a construção de uma rede descentralizada. É essa possibilidade de adesão e participação voluntária, ou seja, seu caráter de livre associação, que funciona como um dos principais apelos da Internet, capturando e seduzindo o usuário, principalmente os jovens.

Para trabalhar com o conceito de cultura, entendendo-a como pública e como contexto (Geertz, 1989), sigo os passos de Canclini e adoto aqui uma perspectiva interdisciplinar, priorizando os trabalhos que concebem a cultura como “o conjunto dos processos sociais de significação”, não sendo algo que apareça sempre da mesma maneira. Ou seja, parte da dificuldade de definir ou entender a cultura deriva do fato de que esta se produz, circula e se consome através de usos e re-apropriações no interior dos processos históricos e culturais, vinculados às diferentes formas que os diferentes grupos estabelecem em suas relações com o mundo. E mais,

por abarcar o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social, é que o autor destaca a importância que adquiriram os estudos sobre recepção e apropriação de bens e mensagens nas sociedades contemporâneas. (Canclini, 2007 p.41).

Para Martín-Barbero, dentre outros fatores, a dinâmica da escolarização e a dinâmica dos meios de comunicação de massa, colocam a cultura no centro do cenário político e social. Na redefinição do entendimento da noção de cultura, é fundamental a *compreensão de sua natureza comunicativa*. Ou seja, é necessário contemplar seu caráter produtor de significações. Nesse sentido, o receptor é também produtor e não um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem. (Martín-Barbero, 2003). Dessa maneira, o conceito de comunicação não se confunde com o conceito de cultura, embora seja um dos seus aspectos fundamentais. Para que o ato comunicativo possa efetivar a interação

social, é necessária a existência de processos socializadores e de matrizes culturais que sejam partilhados por uma população, mesmo que dispersa, de indivíduos.

Nesse ponto, os Estudos de Recepção Latino-Americanos (Canclini, N.; Sarlo, B.; Martín-Barbero, J; Orozco, G.), que entendem a audiência como sujeitos atuantes no processo comunicacional, e não mais como simples receptores passivos, somados às discussões sociológicas e antropológicas sobre os processos culturais (Ortiz, R.; Cucho, D. ; Simmel, G.) e outros, são contribuições valiosas para estabelecer o diálogo não somente com pesquisadores (Castells, M.; Braga, J. L.; Levy, P.), como também com centros de pesquisa vinculados a Universidades, que desenvolvem pesquisas significativas sobre a rede, como é o caso do JER, na PUC – Rio, coordenado pela Prof^a Maria Aparecida Campos Mamede- Neves, ou ainda do CREMIT, na UCSC – Milão, coordenado pelo professor Pier Cesare Rivoltella. Um diálogo que foge ao idealismo científico e caminha em direção a um re-olhar que possa definir novas categorias de pensamento, na tentativa de dar conta das mudanças atuais.

Como a problemática da Internet é recente, o campo da educação e as ciências sociais de um modo geral, produzem, por meio dessas pesquisas e investigações, conhecimentos que visam contribuir para consolidar um repertório conceitual que possa dar conta de apreender as mudanças ora em curso. Nesse sentido, Canclini destaca a necessidade da convergência das análises antropológicas com os estudos sobre comunicação quando se fala de circulação de bens e mensagens posto que se fala, também, de mudanças de significados. Nestes movimentos, os significados são comunicados, recebidos, reprocessados e ressignificados, na passagem de uma instância para outra, de um grupo para vários,

Nesses deslocamentos de função e recodificação dos objetos e das mensagens, no trânsito de uma cultura para outra, “é preciso relacionar a análise intercultural, com as relações de poder para identificar aqueles que dispõem de maior força para modificar a significação dos objetos”. (Canclini, 2007 p. 43).

Como intercultural, o autor entende uma dimensão que se refere a “diferenças, contrastes e comparações” que permite pensar a cultura não como propriedade dos indivíduos e dos grupos, mas como,

O conjunto de processos através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e gerem as relações com outros, ou seja, as diferenças ordenam sua dispersão e sua incomensurabilidade mediante uma delimitação que flutua entre a ordem que torna possível o funcionamento da sociedade, as zonas de disputa (local e global) e os atores que a abrem para o possível. (Canclini, 2007 p.49).

Assim, o autor alerta para o fato de que as pesquisas que trabalham com a interculturalidade, devem encontrar caminhos para reunir conjuntamente os três processos por meio dos quais ela se articula; as diferenças; as desigualdades e a desconexão, posto que as três modalidades de existências são complementares. Em uma sociedade comumente pensada sob a metáfora da rede, os incluídos são os conectados, ou seja, os que tem mobilidade para se deslocarem rapidamente nos espaços geográficos e interculturais; que são, ao mesmo tempo, locais e globais; flexíveis às novas exigências dos fluxos da rede, são sedutores e interessantes, e possuem acesso a produtos materiais e simbólicos. Já os excluídos são os desconectados, tanto material quanto simbolicamente; com pequena mobilidade, são mais locais que globais, e sua desconexão os coloca na marginalidade e na informalidade. No entanto, como destaca Canclini, poucas vezes se analisam as condições desiguais de fixidez e de mobilidade. As diferenças e as desigualdades se fortalecem num mundo de conexões a partir da imobilidade dos desconectados (ou com pouco poder de conexão) e a capacidade de mobilidade amplamente acumulada pelos ‘globalmente’ conectados. Ou seja, existem vínculos estruturais e complementares entre os localizados e os que acumulam mobilidade e conexão. Os locais (ou com pequeno acesso) são indispensáveis para a manutenção dos conectados. Sua permanência no local, neste “nó” da rede, possibilita a mobilidade das conexões. Sem sua presença, os conectados perderiam, à medida que se deslocam, muitas das relações criadas. O capital lhes escaparia. Para Canclini,

Agora, o capital que produz a diferença e a desigualdade é a capacidade ou a oportunidade de mover-se, manter redes interconectadas. As hierarquias no trabalho e no prestígio estão associadas não só à posse de bens localizados, mas também ao domínio de recursos para conectar-se. (Canclini, 2007 p. 95).

2.4 Os Jovens e a Internet

Falando em representações sociais construídas sob a influência das informações divulgadas pela mídia, percebemos o quanto que essa se torna, hoje, um terreno fértil para problematizar as políticas de identidade, sobretudo da identidade jovem, na medida em que ao jovem é atribuída a responsabilidade por muitos dos problemas sociais, a exemplo da proliferação do uso de drogas, da violência, das sexualidades fora de controle, da revolta contra as regras e a ordem social, etc. Mas, paradoxalmente, ele é também apontado como fonte para a solução das dificuldades que o País enfrenta, posto que são eles ‘o futuro da nação’. Do mesmo modo, muitas são as palavras utilizadas para definir e dar sentido ao que é ‘ser jovem’ na sociedade atual. Os jovens são rebeldes, revoltados ou radicais; são patricinhas, mauricinhos ou *grunges*; participam de tribos ou fazem parte da galera; podem ser *teen*, *clubber*, *emo*, *rave*, modernos ou mesmo ‘situados’. Não sem razão, muitos são os especialistas, das mais diversas áreas (psicologia, medicina, educação, sociologia, etc.), que vêm sendo amplamente convocados a definir o que representariam, hoje, os conceitos de jovem e de juventude²⁷.

Mobilizado pela questão das representações do senso comum sobre a juventude, o grupo de pesquisa *Jovens em rede (Grupo JER)*²⁸ realizou uma investigação na qual foram ouvidos 1202 estudantes universitários da PUC – Rio, sobre quais os valores e quais os problemas que, segundo eles, a juventude do início do século XX apresentava. Nessa pesquisa, considerou-se não somente a opinião dos jovens, mas também os elementos envolvidos quando falavam a respeito dos valores da juventude hoje e dos problemas que essa mesma juventude

27 Não se objetiva percorrer todos os temas subjacentes à discussão dessa fase de vida. Tem sido recorrente a importância de se tomar a idéia de juventude em seu plural – juventudes –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos. No entanto, parte dessa imprecisão parece decorrer da superposição indevida entre fase de vida e sujeitos concretos, operação ainda não delimitada claramente pelos estudiosos da juventude, pois consideram jovens – sujeitos – e fase de vida – juventude – como categorias semelhantes. Abad (2002) propõe também uma distinção importante entre a condição (modo como uma sociedade constitui e significa esse momento do ciclo de vida) e a situação juvenil que traduz os diferentes percursos que esta condição experimenta (a partir dos mais diversos recortes: classe, gênero e etnia). Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03.pdf>/Juventude e políticas públicas no Brasil – Acesso 20/09/2009.

²⁸ *Jovens em rede* (Grupo JER) é um diretório de pesquisa do Departamento de Educação da PUC- Rio, certificado pelo CNPq, que há mais de 10 anos realiza pesquisas sobre a juventude universitária e a construção do conhecimento. A pesquisa aqui descrita foi realizada de 1999 a 2001 e replicada em 2002. <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>. Acesso 30.12.2009.

enfrenta no seu dia-a-dia. Alguns dados apurados pela pesquisa revelam muito sobre o modo como os jovens constroem suas representações e seus valores morais na sociedade atual.

As primeiras análises já foram reveladoras da ligação que os jovens faziam entre os valores e suas circunstâncias imediatas; Essa ligação aponta para uma aproximação entre a problemática da identidade e da socialização moral do jovem, cuja constituição parecia se orientar pelo entendimento de que se vivia em meio a uma ‘de crise de valores’ decorrente da relação conflituosa entre aquilo que é desejado em oposição ao desejável. Nessa linha, os resultados negaram a idéia de existir uma ‘homogeneidade’ na forma como se dá o processo de construção do juízo moral e dos valores entre os jovens, evidenciando a multiplicidade de olhares e de representações de mundo, resultante da "mistura" de níveis: individual, local, social, universal, etc., em que estes se inserem e participam.

Contudo, vale aqui destacar, como um dado relevante da pesquisa, as constantes articulações entre valores e problemas realizadas por estes jovens.

Procurando saber de que *valores* esses jovens falavam, por ordem de maior incidência encontramos: *profissão, estabilidade econômica, relações afetivas, sucesso e prestígio, ter personalidade*, seguidos de *cidadania, família, liberdade, individualismo e, também, felicidade e melhoria de vida*. Quando se referiam a problemas da juventude, mencionavam, com maior incidência, *violência, desemprego e mercado de trabalho (escasso), drogas, dificuldade financeira e incerteza econômica, má qualidade de vida, situação do país, preconceito para com os jovens...* Observamos a predominância do valor *economia e trabalho*; seguindo por valores de tipo mais pessoal (*relações afetivas, felicidade, “estética” e sucesso* – essas últimas duas categorias freqüentemente apresentadas numa visão crítica). Mais fundamentalmente, ao examinarmos a distribuição dos problemas indicados por esse mesmo grupo, percebemos, por exemplo, que o lugar do *trabalho* e da *economia* entre os valores – ou seja, a preocupação com conseguir dinheiro e ter uma situação financeira estável – é correlativa aos problemas apontados, quais sejam: *economia, incerteza; falta de motivação, às vezes atribuída à falta de perspectivas e de confiança no jovem; desemprego e falta de trabalho*. Tais articulações “misturadas” definem a forma e os conteúdos dos campos de problematização moral. (Mamede-Neves, M. A. C.; Vidal, F., 2003).

Em meio às diversas compreensões existentes para definir o entendimento de juventude na sociedade contemporânea, acho interessante destacar os estudos da pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba, Filomena Moita²⁹, que sinaliza para a compreensão do conceito de juventude que, muitas vezes, é erroneamente utilizado como equivalente ao conceito de geração.

A confusão e miscelânea terminológica decorrem do fato de que são os jovens que imprimem os mais marcantes símbolos geracionais por suas condutas, inconformidades com a ordem vigente, manifestações culturais e exposição às problemáticas sociais expondo os anseios do universo social a que pertencem. (Moita, 2004).

Na maior parte das suas investigações, a autora opta por utilizar a definição adotada pela UNESCO³⁰ que, sintetiza o conceito de jovens como uma categoria essencialmente sociológica que indica o processo de preparação dos indivíduos para assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto profissional, e estende-se na faixa etária de 16 a 24 anos. Para a autora, os jovens diferem dos adultos por romperem com a linearidade da comunicação e por se integrarem mais facilmente aos estímulos sonoros, icônicos e imagéticos, produzidos em profusão pela cultura tecnológica. Eles vivem intensamente o momento atual, incorporando marcas e senhas que os diferem dos adultos, formando 'tribos' que se reconhecem entre si por meio de uma série de símbolos comuns e, se adaptam facilmente aos valores que lhes permitem esse reconhecimento. Nesse contexto, as tecnologias digitais favorecem, por meio da cultura da simulação, o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas, que lhes permitem, de forma autônoma e livre, processar rapidamente a grande quantidade de informações imagéticas, com as quais convivem atualmente, ao mesmo tempo em que desenvolvem a capacidade multitarefa de fazerem várias coisas ao mesmo tempo. (Moita, 2006 p.66).

²⁹MOITA, Filomena Ma. G. da S. Cordeiro Culturas juvenis e jogos eletrônicos: que currículo é esse? – Anais VI Colóquio Sobre Questões Curriculares, II Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares. Rio de Janeiro, 16 a 19 de agosto e 2004. Local UERJ. Disponível em <http://www.filomenamoita.pro.br/pdf/curriculo3.pdf>. Acesso 20/12/2009.

³⁰ As Nações Unidas definem como jovens pessoas entre as idades de 15 e 24. A UNESCO entende que os jovens são um grupo heterogêneo em constante evolução e que a experiência de "ser jovem" varia muito entre as regiões e dentro dos países. Ver <http://portal.unesco.org/>. Acesso 20/12 2009.

Contudo, devo ressaltar que orientada pelas discussões propostas por Canclini (2007), adoto nesta pesquisa o conceito de juventude, e de jovens, entendidos como construtos sociais e históricos, que estão para além de cortes etários e geracionais. Considero para este trabalho a definição de jovens não como uma concepção geracional, pedagógica ou disciplinar. Com base nesse autor, e, nos dados apresentados pela última pesquisa do grupo Jovens em rede (*Grupo JER*)³¹, que vieram para reafirmar minha escolha por esse viés, utilizo aqui o entendimento desse conceito como uma relação intercultural com o tempo e seus desenvolvimentos tecnológicos. Nesse sentido, agrupo sob a compreensão desse conceito, todos aqueles que nasceram após o final da década de 1980, e que cresceram com a televisão em cores e o controle remoto, o *zapping* e, ainda que minoritariamente, com o computador pessoal e a Internet. (Canclini, 2007 p. 216; Mamede-Neves, 2008).

Pensando as relações e o contexto atual, fica fácil perceber que, entre os jovens, a Internet se transformou em um fenômeno de comunicação de massa (Peter and Valkenburg, 2004). Breton em “O culto da Internet”, (2000), semeia o pensamento de Prensky (2001), ao afirmar que o *culto* da Internet é um *culto á* “juvenildade”, ou seja, a tendência a exaltar a juventude, os seus valores, tornando-a modelo obrigatório de qualquer tipo de comportamento. Convém notar que as tecnologias se dirigem, interessam e atingem, particularmente, aos jovens.

Assim, o culto da Internet é, predominantemente, jovem, “de jovens e para jovens”. Ele é concebido como um tipo de processo de revolução permanente, no qual os jovens determinam o curso do movimento (BRETON, 2000 p.87).

Para este autor, os jovens não possuem a mesma percepção das mídias que as gerações mais velhas, uma vez que cresceram com o vídeo, os jogos

³¹ Os dados da pesquisa realizada pelo Grupo JER, estão reunidos no livro *As coisas são coisas até que os jovens em rede provem o contrário*, organizado por MAMEDE-NEVES, M.A.C. e CASTANHEIRA, M. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2008. Sob a questão aqui tratada sob a presença do jovem na rede, destaco, dentro outros que participam da coetânea, o artigo de SÁ, H. R. de e MAGALHÃES, M.M.G. de, *Percepções da formação docente face à tecnologia*, capítulo 8, p. 195- 222, em que as autoras apresentam uma comparação entre a visão dos jovens e dos docentes sobre a influência da Internet na escola.

interativos, a televisão a cabo e o *zapping*; eles não querem continuar sendo cativados, querem participar.

Também outras pesquisas (Mamede-Neves, 2009; Castells, 2007, Sabes, 2005; Tapscott, 2000), reafirmam que são os jovens o grupo mais atuante na rede. Eles se comunicam por meio de recursos tecnológicos como *e-mails*, mensagens instantâneas, comunidades virtuais, com mais frequência e mais intensamente do que o adulto. Interligados por esta tecnologia, jovens de vários pontos do mundo trocam informações, compartilham experiências, estabelecem novos vínculos (ainda que efêmeros), ou consolidam e reforçam valores e afiliações preexistentes.

Especificamente em relação aos jovens brasileiros e italianos, sujeitos da minha pesquisa, todos, em maior ou menor grau, com maior ou menor tempo de navegação, são usuários da rede como demonstram os resultados obtidos com a aplicação do questionário e das entrevistas semi-estruturadas. Esse dado já aparece na pesquisa *Jovens em rede* da qual participei como membro do grupo JER, e foi reafirmado nesta minha investigação.

Mesmo aqueles que não possuem um computador conectado à Internet, seja em casa ou na escola, navegam em espaços públicos como bibliotecas, centros comunitários, Internet points, ou ainda em casa de amigos. A sedução exercida pela rede se evidencia por meio das falas dos meus atores, como por exemplo: “*Para mim, a internet representa um lugar onde posso me informar e me comunicar com amigos*” (17 anos). “*Ali me comunico com meus amigos pelo tempo que desejo, sem gastar tanto dinheiro quanto no celular*” (18 anos); ou ainda “*Na rede encontro com liberdade, tudo aquilo de que necessito*” (18 anos). Tomando essas falas como representativas do grupo, se evidencia a forte presença da Internet no universo juvenil, ainda que se trate de jovens com baixo poder aquisitivo, com menor capital social e cultural e, conseqüentemente, com maior dificuldade de acesso.

Como estratégia comparativa de maior amplitude entre os jovens brasileiros e os italianos, no que se refere ao uso da rede, destaco ainda os resultados de duas pesquisas, uma desenvolvida no Brasil e outra na Europa, priorizando na pesquisa européia os dados referentes à Itália, por ser este o universo que adoto como parâmetro comparativo na minha investigação.

No Brasil, destaco alguns resultados apurados pela pesquisa já mencionada, ‘*Jovens em rede: representação e significação da Internet pelo olhar*

de jovens universitários' desenvolvida pelo JER ³², com alunos do primeiro período de graduação da PUC-Rio.

Nesta pesquisa o grupo aplicou um extenso questionário durante o processo de matrícula dos alunos do primeiro período de graduação da PUC-Rio para o ano letivo de 2006, totalizando 998 (novecentos e noventa e oito) alunos distribuídos entre os centros - CCS (Centro de Ciências Sociais), CTC (Centro Técnico Científico) e CTCH (Centro de Teologia e Ciências Humanas) e os alunos que ingressaram pelo PROUNI.

Trabalhando com um contingente de jovens recém-saídos do ensino médio e proveniente de diversas camadas sociais, a pesquisa investigou as representações da Internet e de seus significados pelo olhar desses jovens pré-universitários, considerando a frequência de uso, seu alcance, sua influência no cotidiano e sua apropriação no que se referia à complexidade e representação.

Contrariando a crença de muitos professores da instituição e mesmo de alguns componentes do grupo, os dados apontaram não haver diferença de significação, valor, ou formas de representação e uso da Internet entre os jovens das camadas A e B e os que tinham chegado à universidade através do PROUNI. As diferenças encontradas repousaram muito mais no que se refere ao número de computadores por família, qualidade da máquina ou atualidade maior ou menor de programas e aplicativos usados, enfim, dados que estavam ligados muito mais às diferenças de condições sócio-econômicas dos grupos, mas nunca em relação a um possível 'analfabetismo digital' por parte daqueles que vinham de vestibulares comunitários.

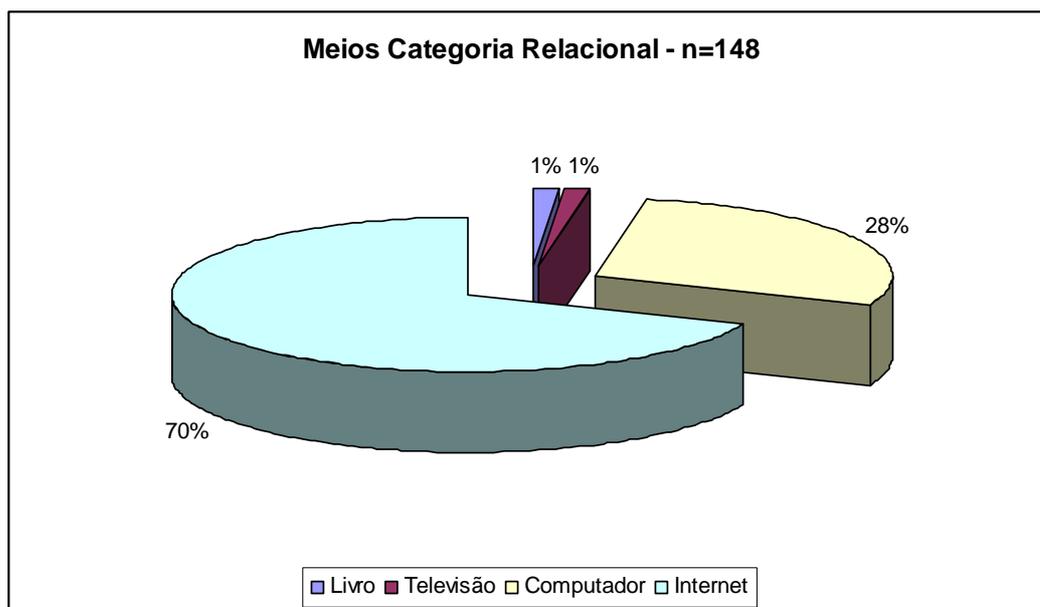
Por suscitar definições e interpretações diferenciadas, aqui abro um parêntese para esclarecer que, o termo 'analfabetismo digital, ou seu correspondente, 'analfabetismo tecnológico', é comumente usado para se referir a uma incapacidade em "ler" o mundo digital e mexer com a tecnologia moderna. Nesta tese o conceito é compreendido como decorrente de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais e, tanto suas causas quanto suas conseqüências, estão associadas à "exclusão digital", compreendida em todo o mundo como a

³² A pesquisa em questão desenvolvida pelo *Grupo JER*, contou com a consultoria do pesquisador Píer Cesare Rivoltella, da Universidade Sacro Cuore de Milano – Itália, e se apoiou como ponto de partida na metodologia seguida por uma ampla investigação sobre o tema "Os jovens e a Internet", que se iniciou na Universidade de Sherbrooke, no Canadá, foi ampliada para outros países de língua francesa (França, Bélgica e Suíça), se estendendo, depois, a alguns países latinos (Portugal, Itália e Espanha), no período compreendido entre 1999 e 2001.

forma mais moderna de violência e modalidade sutil de manutenção e ampliação das desigualdades. Tal exclusão não se dá apenas no interior das classes sociais de um país, mas também entre nações e continentes. Os números são assustadores e os efeitos devastadores, não só no que diz respeito a fossos econômicos, como também, culturais. Segundo a educadora Emília Ferreiro, com o computador assumindo função principal na informação, é fundamental que a sociedade se preocupe com as pessoas que estão à margem desta evolução, para não gerar uma massa de analfabetos tecnológicos.³³

Voltando a pesquisa do JER, também ficou evidente que, quando comparada com o livro, a televisão e o computador, a Internet se destacava como espaço fortemente relacional com um percentual de 70% das respostas, como demonstra o gráfico a seguir.

Quadro 1 - Distribuição das repostas dadas para a categoria relacional dos meios.



Fonte: JER, 2007.

Este quadro fica claramente representado em respostas tais como: “Quando eu penso em Internet eu penso em conexão com o mundo” (questionário 171); ou “acesso ao mundo” (questionário 117), ou ainda “o melhor meio de comunicação” (questionário 582).

³³ Disponível em <http://www.educabrasil.com.br/>. Acesso 30/10/2009.

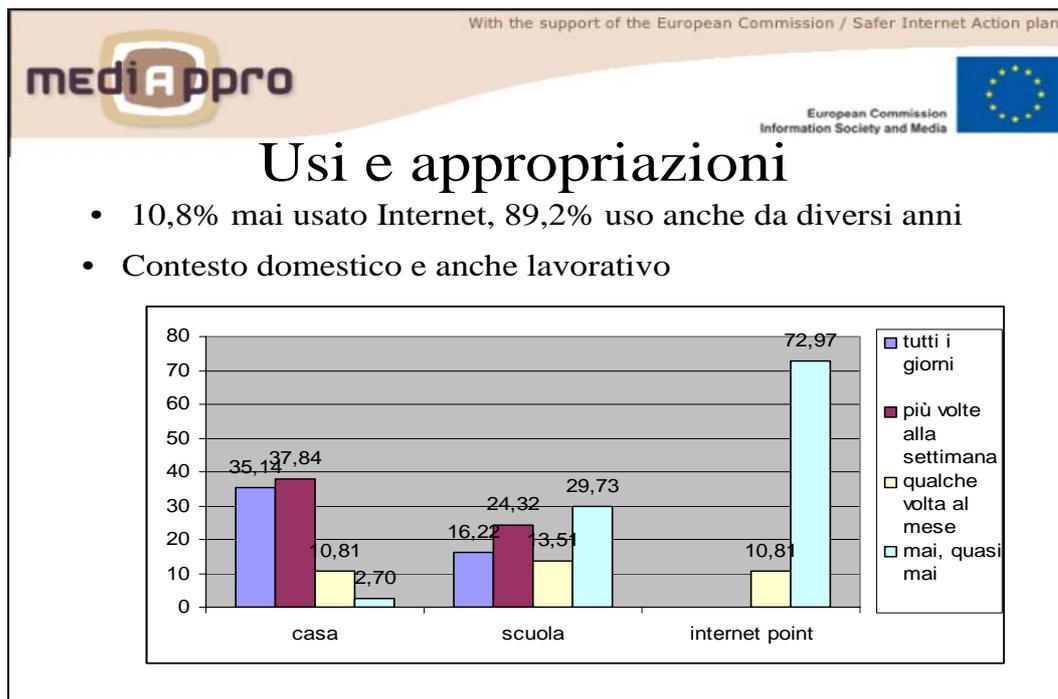
Sabendo-se que, em muitas respostas sobre o computador o jovem o representava assumindo as características da possibilidade da comunicação que é específica da Internet, sendo ambos, muitas vezes, tratados como sinônimos, podemos afirmar ser muito maior o percentual dos que representam a Internet como um espaço prioritariamente relacional. Respostas dadas por alguns entrevistados sobre “o que lhes vem à mente quando pensam em computador” explicitam melhor o que se está apontando: “falar com amigos” (questionário 46); “me comunicar com amigos” (questionário 607); “plugados ao mundo” (questionário 777), ou ainda “lugar ilimitado de relações com o mundo” (questionário 21).

Outro dado a ser destacado refere-se ao fato de que, embora na associação com processos cognitivos lidere a representação do livro como fonte sagrada do saber, a Internet aparece em segundo lugar a ser considerada como uma fonte confiável de informações para a aprendizagem nas disciplinas do curso universitário, muito além do que a mídia impressa ou televisiva possam contribuir.

Na Europa, tomando como exemplo os resultados apresentados pelo projeto *Mediappro*³⁴, desenvolvido em conjunto por centros de pesquisas de nove países europeus, essa afirmativa se faz mais contundente. Durante a pesquisa, além de entrevistas em profundidade, foi aplicada uma média de oito mil questionários que visavam apurar como os jovens entre 12 e 18 anos de idade se apropriam da mídia digital, considerando nesse escopo a Internet, o celular e os videogames. Alguns desses dados podem ser constatados no quadro a seguir.

³⁴ Entre Janeiro de 2005 e junho de 2006, universidades, ministérios associações e fundações de nove países europeus – Bélgica, Dinamarca, Estônia, França, Grécia, Itália, Polônia, Portugal, Reino Unido – desenvolveram de forma colaborativa a pesquisa para mídia e educação chamada *Mediappro* (media appropriation). Como existe um protocolo de inter-relação acadêmica que a PUC- Rio tem com a Universidade Católica de Sacro Cuore de Milão, firmado pela Prof. Dra. Maria Aparecida Mamede-Neves, o professor pesquisador Pier Cesare Rivoltella, na qualidade de pesquisador visitante do Departamento de Educação, apresentou os resultados da pesquisa em abril de 2007 e estão disponíveis na Internet no endereço: <http://www.mediappro.org>. - consultado em 26/11/2007.

Quadro 2 - Usos e apropriações na rede.



Fonte: <http://www.mediapro.org> .

Partindo do entendimento de que é necessário construir um conhecimento detalhado sobre as relações e os usos que os jovens estabelecem com os meios eletrônicos, o projeto trabalhou com a hipótese de que a segurança dos jovens no uso da Internet depende, em larga medida, das suas próprias ações. Conseqüentemente, é essencial conhecer os usos e as apropriações que os jovens estabelecem em diferentes contextos (na escola, em casa, nos locais de acesso público) para entender como a juventude percebe e se relaciona com a rede. Dentre os jovens europeus que responderam ao questionário, 90% se declararam usuários da Internet, sendo que 09 entre 10 jovens europeus disseram utilizar os mecanismos de pesquisa disponibilizados pela rede além do correio eletrônico, *blogs*, páginas pessoais, etc. Apesar do alto percentual de uso, os dados da pesquisa revelam que os jovens apresentam equilíbrio entre as atividades desenvolvidas on-line e as atividades desenvolvidas de modo presencial. Para muitos entrevistados “nada substitui uma boa conversa olhos nos olhos” no que se refere a manter contato com os amigos.

Quanto aos riscos e perigos comumente atribuídos à rede, os jovens não se acham ingênuos. Em média, 79% se consideram espertos em relação aos possíveis perigos que eles podem encontrar na Internet, enquanto que 52% consideram que

sabem avaliar a pertinência das informações disponibilizadas e acessadas. Eles declararam que pessoalmente nunca (47%), ou raramente (22%), encontraram pessoas que conheceram através da rede.

Nos resultados referentes à Itália, constatou-se uma grande diversidade de usos, não ocorrendo uma integração das atividades dos jovens em um único meio. O celular aparece como o meio privilegiado para a comunicação, enquanto que a Internet, apesar de plenamente integrada à vida dos jovens, surge constantemente associada à informação. Para o professor Píer Cesare Rivoltella, coordenador da pesquisa na Itália, os dados da pesquisa com a geração “*multi-ecram*”³⁵ revelaram uma lacuna entre jovens e adultos no que se refere ao entendimento da Internet.

Para os jovens, consumidores mais do que produtores de conteúdos, o maior risco apresentado pela rede é ser atacado por um ‘vírus’ ou por um *hacker*. Para os pais e professores o controle deve ser exercido sobre os usos e representações, principalmente até os dez anos de idade. Para a maior parte dos jovens entrevistados, o controle por parte dos pais ou dos professores é inútil e decorre da pouca familiaridade dos adultos com o meio, devido ao fato da pouca utilização que estes fazem da Internet.

“*A escola não possui este suporte para o ensino médio*”; “*sites? Não tenho tempo hábil para explorar os mesmos*”; “*Dificuldades de utilizá-los na realidade da sala de aula*”, e ainda “*Não há tempo. O professor do 3º do ensino médio é uma vítima dos conteúdos obrigatórios para o vestibular*”, são exemplos de algumas falas dos professores entrevistados pela pesquisa *Mestres na Web*³⁶, recentemente desenvolvida pelo JER e já referida nessa tese, quando indagados sobre os motivos da não utilização da Internet em sua prática cotidiana. As justificativas apresentadas pelos professores reafirmam a pouca familiaridade em termos de utilização dos potenciais apresentados pela rede, principalmente quando consideramos o espaço da sala de aula. Como se pode perceber, nesse aspecto existe grande proximidade entre a realidade Brasileira e a realidade Italiana.

³⁵ Termo usado pelo professor Píer Cesare Rivoltella da Università Cattolica del Sacro-Cuore, Milano, Itália, para definir as inúmeras telas a que estão expostos os jovens na sociedade atual.

³⁶ A investigação institucional *MESTRES NA WEB: representação e significação da Internet por professores de Ensino Médio*, iniciada em meados de 2008 pelo grupo JER e, atualmente, em fase de finalização, tem como objeto de estudo a relação do professor de ensino médio com a mídia digital, em confronto com o perfil relacionado também à mídia digital de jovens universitários que foram seus alunos no ensino médio e que se constituíram o foco de atenção da pesquisa *Jovens em rede*, concluída em março de 2008.

De modo geral, os jovens têm crescido já com a presença da Internet em suas vidas e quando conectados a esta tecnologia, são rapidamente seduzidos por este universo simbólico. Talvez, como afirma Marc Prensky³⁷, por serem ‘nativos’ e não ‘imigrantes’ digitais o conhecimento e a interação com este meio se efetiva para estes jovens, na maior parte das vezes, como uma realidade presente, uma tecnologia que se encontra comumente inserida nas suas experiências cotidianas. Como já disse anteriormente, da mesma forma que ocorreu às gerações anteriores com os carros e as TVs, as gerações nascidas nas últimas décadas cresceram com a Internet, videogames, CDs, vídeos, celulares, etc. Estas tecnologias já estavam aqui quando eles nasceram e por eles foram incorporadas com naturalidade. Para o autor, este fato implica não somente que esta geração tenha total familiaridade com as tecnologias digitais — daí a denominação ‘nativos digitais’. Já os denominados ‘imigrantes digitais’ teriam aprendido e se formado num mundo analógico e, para os mesmos, o mundo digital suporia um processo de imersão nas tecnologias que, mesmo não sendo totalmente impossível de realizar, no melhor dos casos, lhes parece estranho.

Aqui acho importante ressaltar que ao me apropriar nessa pesquisa dos conceitos de ‘nativos’ e ‘imigrantes’ digitais cunhados por Prensky, não lido com eles sob uma ótica baseada em cortes geracionais, mas sim considerando, em termos de acesso, de usos e apropriações, o maior ou o menor grau de conhecimento e intimidade que os diferentes usuários apresentam em suas navegações no ambiente da rede. Nesse sentido, compreendo que entre os jovens, podemos encontrar tanto os ‘nativos’ como também os ‘imigrantes’ digitais. Esse esclarecimento me parece necessário porque, caso contrário, sendo mal interpretada, a pesquisa pode levar a compreensão errônea de que coaduna com a falsa idéia da separação geracional entre jovens e adultos, na medida em que a idade não é um fator determinante para definir as práticas dos usuários na rede.

³⁷ Prensky, Marc Prensky. Digital natives, Digital immigrants, disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20.pdf> Acesso em 20/11/2007.

A idéia defendida aqui, se refere basicamente ao fato de que as tecnologias exercem uma inegável sedução, privilegiadamente, sobre os jovens, independentemente de fatores como nacionalidade, condição social, cultural ou econômica, e muitos são os estudos que atestam essa sedução

Recentemente, a empresa Telefónica e a Universidade de Navarra, responsáveis pelo projeto "A geração interativa na região ibero-americana: Crianças e adolescentes perante as telas" foram os encarregados de percorrer sete países da América Latina e analisar os hábitos dos adolescentes perante as telas digitais que invadem a vida moderna. O projeto, que fez 90 mil entrevistas, com jovens e crianças com idades entre 6 e 18 anos na América Latina, apurou que mais de 95% acessam com frequência a Internet e 83% possuem telefone celular.

Como antecipou durante a apresentação o diretor-geral de segmento residencial fixo da Telefónica na América Latina, Manuel Echanove Pasquim, a sociedade "vai passar do lar conectado ao bolso conectado", um conceito que, segundo ele, já persegue esta geração "precoce, interativa, equipada e emancipada no uso das tecnologias". A televisão continua sendo líder - presente em 98% dos lares - e diminuindo o tempo das tarefas escolares, mas a Internet irrompeu com força nos últimos anos e se transformou no meio preferido dos jovens, que encontram na rede uma eficaz maneira de se comunicar.³⁸

Também a Fundação McArthur publicou estudo iniciado em 2005 e concluído em meados de 2008, parte de um projeto de US\$ 50 milhões dedicados a pesquisas sobre aprendizado e mídia digital, e utilizou diversas equipes de pesquisadores para entrevistar mais de 800 jovens e seus pais, e para observar o comportamento dos adolescentes na Internet por mais de cinco mil horas.³⁹

"Parece certamente verdadeiro que as novas mídias estão integradas às vidas dos jovens", diz Vicki Rideout, vice-presidente da Kaiser Family Foundation e responsável pelo programa de mídia e saúde naquela instituição. No entanto, alerta para o fato de que "Estudos etnográficos como esse são bons em descrever a maneira pela qual os jovens encaixam a mídia social em suas vidas. Mas não são capazes de documentar os efeitos". Por conta da percepção adulta de

³⁸“Estudo: mais de 95% dos jovens latinos acessam a web”, disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/interna/>. Acesso 20/09/2009.

³⁹“Internet faz bem para os jovens”, estudo disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/interna/>-Acesso 20/09/2009.

que as relações sociais via Internet representam perda de tempo, diz o estudo, os adolescentes reportam muitas regras e restrições para o seu convívio online - mas a maioria deles descobre maneiras de contornar essas barreiras e manter contato com os amigos constantemente ao longo do dia.

"Os adolescentes em geral têm uma comunidade de amigos íntimos em contato o tempo todo, por meio de celulares e serviços de mensagens instantâneas constantemente ligados", afirma o estudo. Isso não parecia ser novidade para um grupo de adolescentes do Bronx, em Nova York, que se reuniu depois das aulas na quarta-feira para falar sobre suas rotinas sociais. Todos eles usam o *MySpace*⁴⁰ e mensagens instantâneas para manter contato com cerca de 10 ou 20 amigos mais chegados, a cada noite. *"Assim que chego em casa, ligo o computador"*, disse um menino de 15 anos que começou sua página no *MySpace* há quatro anos. Outro admite que *"Meu MySpace fica ligado o tempo todo, e quando recebo mensagens o sistema envia um alerta ao meu celular. Não se trata de obsessão, mas de necessidade"*, diz o jovem que, pelas normas que direciona o estudo, não pode ser identificado.

Vale ainda destacar nesse item, o fato de que algumas pesquisas apontam para a potencialidade inerente à Internet em criar certa 'desinibição' que favorece aos usuários estabelecerem mais facilmente contatos. O computador induz uma distância que permite, por vezes, exprimir certos pensamentos que seria difícil formulá-los cara a cara, como o demonstram Elisheva Gross da Universidade da Califórnia (Elisheva Gross, Jaana Juvonen, Shelly L. Gable. *Internet use and well-being in adolescence*, UCLA, 2001) "a Internet reforça as relações entre os jovens já socializados e pode, ao mesmo tempo, potencializar o preenchimento de ausências e vazios nos mais isolados".⁴¹ Sob essa ótica, cada um utiliza a Internet em função das suas necessidades e dos seus próprios interesses.

⁴⁰ Myspace é um serviço de rede social que utiliza a Internet para comunicação online através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/MySpace> Acesso em 20/09/2009.

⁴¹ "Como usam os jovens a Internet?", Disponível em <http://geramovel.blogspot.com/2006/10/> Acesso 20/09/2009.

2.5 Novas experiências de tempo e de espaço

As tecnologias, presentes em cada época, sempre participaram ativamente das transformações no modo como os indivíduos se organizam, produzem, representam e explicam a realidade. Essas inovações impõem novos ritmos e dimensões ao conjunto das interações sociais, à difusão da informação e também faz com que o homem se defronte com a necessidade de redimensionar as suas noções de tempo e de espaço. Até recentemente, na base de todas as inovações, esteve a preocupação de encurtar distâncias e ganhar tempo, abreviando-o. Na atualidade, a pretensão é eliminar as distâncias e, por meio da estratégia tecnológica do online, submeter o tempo a critérios não cronológicos. A busca atual é pela concretização do *aqui e agora*, “porque o futuro é agora”, como reafirma a propaganda de uma conhecida bandeira de cartões de crédito no Brasil.

Pensar as conexões entre o processo tecnológico e a experiência de tempo e de espaço é fundamental, pois nos orienta sobre as mudanças possíveis no que pensamos ser. Mudamos continuamente porque não cessamos de investir no que podemos ser. Somos então atraídos pela promessa da mudança. Mas pensar a mudança inclui o risco de mudar o que se pensa ser e, ao mesmo tempo, implica o abandono do pensamento da permanência do sujeito na história, posto que, para lidar com as mudanças que fazem parte do processo histórico, o homem precisa estar em constante ‘atualização’⁴², como nos ensina Lévy. (1996, p.16).

Uma mudança significativa é a nossa sensação de crescente aceleração do tempo. Como a comunicação é agora simultânea, nós esperamos que as respostas venham instantaneamente, e essa expectativa leva simultaneamente a uma tendência a responder aos outros o mais imediatamente possível. No espaço de hoje, o entendimento de ‘simultâneo’ já não se define mais pela extensão perceptiva e motora do corpo; depende, sim, da velocidade e da conexão na transmissão de informações.

⁴² Atualização, segundo Lévy, é um processo de questionamento, no qual idéias, teorias ou entidades são atualizadas e, assim, levadas a novas realizações concretas, a busca, a quebra e o estabelecimento de novos paradigmas, como ele bem coloca: “A atualização aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é a criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (Lévy, 1996:16).

Há poucos anos atrás, quando revemos como se estruturavam as relações, principalmente, se pensarmos no âmbito do trabalho, praticamente não precisávamos estar disponíveis para sermos contatados pelo celular 24 horas por dia, nem tínhamos necessidade de consultar nossos emails constantemente. Hoje, essas práticas confundem-se e se fazem presentes em meios à execução de nossas atividades cotidianas. Muitas são as empresas que, atualmente, disponibilizam gratuitamente celulares para os seus funcionários que ocupam cargos de chefia, justamente para que estes possam ser localizados a qualquer hora do dia ou da noite. Assim, o tempo do trabalho acaba por se confundir com o tempo do lazer, alterando não somente as relações de trabalho, como também as relações pessoais com os amigos e com a família. Alguns efeitos da tecnologia sobre o tempo do trabalho e do lazer, puderam ser apurados pelo JER, no desenvolvimento da pesquisa *Mestre na Web*; quando indagados sobre mudanças no tempo dedicado ao trabalho e ao lazer, ocorridas em decorrência da inserção da Internet em suas vidas, de modo geral, 91,3% dos professores participantes declararam que o uso da rede mudou para melhor o seu trabalho. No que se refere ao tempo dedicado a este, para 59,4% não ocorreu mudança alguma, porém, 33,3% admitiram que como uso da Internet, passaram a dedicar uma parte maior do seu tempo ao trabalho. Já quando considerado o tempo para o lazer, 58,7% apontaram mudanças para a melhor, enquanto que 30,4% disseram que nada mudou e apenas 4,3% apontaram mudanças para a pior.⁴³

Contudo, as transformações na experiência de tempo e espaço geradas pelas tecnologias exigem o reconhecimento de que, o rádio, a televisão, o computador e a Internet, cada um a seu modo, modificam a distinção entre o próximo e o longínquo e, que a internet, após a criação da interface gráfica, não está apenas mudando a experiência de espaço; está mudando também o nosso modo de concebê-lo. Para Steve Johnson (1997), em primeiro lugar, a interface gráfica⁴⁴ promove o surgimento de um espaço de informação.

⁴³ Cf. Nota 36 do capítulo anterior.

⁴⁴ A análise da interface gráfica repete a descrição de Steve Johnson. Cf Interface Culture – How new technology transforms the way we create and communicate, São Francisco: Harper Collins, 1997

Um dos responsáveis por esta novidade teria sido Doug Engelbart, a partir da idéia de *bitmapping* e do princípio de manipulação direta. O *bitmap*⁴⁵, como o nome indica, realiza a aliança improvável da cartografia com o código binário e permite atribuir uma localização espacial a um dado. Cada ponto (*pixel*) da tela do computador articula-se a uma parte da sua memória.

O computador, em outras palavras, imagina a tela como uma rede de pontos (*pixels*), um espaço bidimensional. Os dados contidos no computador passam, pela primeira vez, a ter uma localização física — os elétrons movendo-se pelo processador — e uma localização virtual — aquela espelhada na tela. Após dotar os dados de atributos espaciais, criou-se o princípio de manipulação direta. (Johnson, 1997 p.10).

O que faz do computador uma tecnologia singular em relação a outras máquinas, é o fato de ele ser um sistema simbólico que do início ao fim de seu processo de funcionamento, trafega representações ou signos: ‘pulsos’ de eletricidade são símbolos que valem como zero e um; estes representam um conjunto simples de instruções matemáticas que, por sua vez, representam palavras, imagens, mensagens de e-mail, etc. Ainda segundo Johnson,

o alcance da ‘revolução digital’ dependeu desta capacidade de auto-representação do computador, pois ela permite que o mundo de 0/1, ininteligível para a maioria dos humanos, torne-se acessível, habitável e manipulável. Sem a construção de interfaces, portanto, os computadores permaneceriam meras máquinas de cálculo numérico. Ainda segundo o autor, a novidade que dá origem à interface contemporânea é a tradução da informação digital em uma linguagem visual; constitui-se, desde então, um espaço informacional. (Johnson, 1997).

Quando o espaço é informação, o desafio reside na quantidade de informações que se é capaz de processar e na velocidade com que se efetiva a

⁴⁵ Imagens **raster** (ou **bitmap**, que significa *mapa de bits* em inglês) são imagens que contém a descrição de cada pixel, em oposição aos gráficos vectoriais. Um bitmap pode ser preto-e-branco ou colorido. Há um padrão chamado RGB, do inglês *Red, Green, Blue*, que utiliza três números inteiros para representar cada uma das cores primárias, vermelho, verde e azul. A cada ponto da imagem exibida na tela ou papel corresponde um pixel desta grade, de forma que a maioria das imagens requer um número muito grande de pixels para ser representada completamente. Embora a representação de imagens na memória RAM seja feita geralmente em bitmaps, quando se fala em um grande número de imagens armazenadas em discos magnéticos e transmissão de dados via redes surge a necessidade de compressão desses arquivos, para reduzir o espaço ocupado e o tempo de transmissão. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Raster>.

transmissão dessas informações. No entanto, para que a ilusão do espaço informacional pudesse funcionar era necessário não apenas representar um documento com um ícone, mas possibilitar o controle do usuário sobre tais imagens. A interface gráfica requer, em segundo lugar, o princípio da manipulação direta. Não basta representar o texto com um ícone, é preciso dar controle ao usuário sobre estas imagens para tornar crível a ilusão. Ao invés de mandar o computador executar uma tarefa particular como na interface textual, em que o usuário precisava digitar alguns comandos para que o computador executasse uma ação, com a interface gráfica, parece aos usuários que eles próprios estão realizando a ação. Daí o paradoxo da manipulação direta: na realidade, criou-se uma camada adicional entre o usuário e a máquina; a imediatez tátil da ilusão propiciada pela nova camada, contudo, faz parecer que a informação está mais próxima. A passagem da interface textual, onde o usuário informava o computador qual a tarefa a ser executada, para a interface gráfica, onde o usuário tem a impressão de que é ele mesmo que age ao clicar sobre ícones e mover o *mouse* sobre a tela, instaura o princípio da manipulação direta.

Figura 2 – Inclusão pelo mouse



A experiência do usuário é a de fazer algo diretamente com os dados, em vez de ordenar a execução de uma tarefa ao computador; a informação parece estar mais próxima de suas mãos. O *mouse* provê a manipulação e, neste sentido, é o “representante do usuário” no espaço informacional; o *feedback* visual confere instantaneidade e imediaticidade à experiência. A interface gráfica, aliada à expansão do multimídia e da Internet, muda, portanto, o modo como os homens se relacionam com o computador. Com o espaço informacional advém,

a primeira máquina onde vale viver. Por meio da interface, o mundo de 0/1, o mundo da informação digitalizada, dos *bits* e ‘pulsos’ eletrônicos, não apenas torna-se significativo para os indivíduos, como se torna um espaço que passa a fazer parte do seu campo de experiência — do modo como eles trabalham, se comunicam, se deslocam, gerem sua memória, modulam sua identidade e vivenciam suas relações afetivas. O *feedback* visual dá à experiência sua sensação de presença, de imediatez. Move-se o mouse e a seta acompanha o movimento. (Johnson, 1997 p.10).

A representação do usuário pelo mouse permite que este entre no mundo virtual e manipule o que nele existe e assim se cria um espaço de informação onde o indivíduo pode estar presente por controlar o mouse, seu representante, passando assim da prótese ao espaço de imersão. Quando a tecnologia é prótese, estamos diante de um espaço constituído por objetos para um sujeito; quando é espaço de informação a ser explorado, o próprio espaço torna-se informação.

A tecnologia não está mais vinculada ao corpo e funcionando ou para suprir uma ausência – próteses corretivas - ou ampliar uma capacidade. Graças à interface, é possível pensar a tecnologia como um espaço de informação a ser explorado e como um modo de facilitar o deslocamento num espaço que já é informação. Há a simultaneidade histórica entre pensar a tecnologia como uma dimensão cognitiva e pensá-la como espaço de informação a ser explorado. Pela interface gráfica, a era digital propõe a atração e o risco de uma “máquina onde vale à pena viver e que, sob certos ângulos, pensa”. (Johnson, 1997 p.10)

Diversos autores defendem que a imediatez dos fluxos no ciberespaço implica que a distância, como nós a conhecemos no mundo físico, decresce em importância até os limites da aniquilação (Lemos, 2002; Trivinho, 1998). Produtos elas mesmas da sociedade e da cultura, as tecnologias digitais, não inauguram, no entanto, esse movimento de superação das distâncias pelo domínio

instrumental do tempo. Muito pelo contrário. As TIC's apenas intensificaram um percurso de compressão do espaço e do tempo que se confunde com a própria criação humana de instrumentos técnicos. Ocorre que, por flexibilizar intensamente os condicionantes temporais, as conquistas tecnológicas não apenas subjagam o espaço, mas aceleram vertiginosamente o ritmo da vida e acabam por encolher e fragmentar também o próprio tempo.

uma intensa fase de compressão do tempo-espaço que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural. (Harvey, 1999, p. 257).

Mesmo ainda incapazes de perpetrar completamente a anulação do espaço e do tempo, os rastros deixados pelos avanços tecnológicos no tecido social já são suficientemente claros para que se postule a emergência, no ciberespaço, de uma experiência cuja imaterialidade anuncia outra fase do capitalismo. Essa fase, segundo Bauman, seria caracterizada pela ruptura com a denominada 'modernidade rígida', em que as distâncias, os volumes, as massas em movimento constituíam os fatores essenciais na estruturação do poder, e a emergência de uma “modernidade líquida”, que se distingue, para além da potencial irrelevância do espaço, pela compressão do tempo e pela volatilização e flexibilização da própria agência humana”. (Bauman, 2001 p. 132-138).

Sob esse ponto de vista, nossa experiência temporal frente aos avanços tecnológicos e a nova forma assumida pela acumulação do capital, nos conduz hoje, a experimentarmos o fim de qualquer continuidade para vivermos no presente eterno e confuso. O futuro pensado como tempo/ lugar de realização da igualdade e da libertação humana é substituído pelo elogio do instante, da contingência, do efêmero e, sob esse viés, no tempo presente, pensar o futuro tornou-se impossível. Para Vaz,

experimentamos uma modificação nonexo entre ação no presente e futuro antecipado. Se na modernidade a política era o agente maior das mudanças e por sua via acreditávamos poder participar da construção de um futuro melhor, hoje, o agente da mudança seria a ‘tecnociência’ como fonte do poder da ação humana para determinar o mundo do futuro. (Vaz, 2004 p.74).

É preciso fazer crer que uma dada antecipação do futuro é a mais confiável e viável e que se tem o controle dos instrumentos e conhecimentos para engendrar tal futuro. O curioso é que se nós acreditarmos no futuro que nos é proposto, tão maior será a possibilidade de tal cenário se realizar. Contudo, para orientar expectativas e reduzir incertezas, é preciso ter credibilidade. Este novo modo de fazer política implica uma articulação íntima com a mídia, seja para construir uma imagem de credibilidade, seja para consolidar expectativas sobre o futuro. Ao mesmo tempo, este mundo de incerteza e aceleração convida a repensar a própria função da mídia. Algumas teorias que discutem a relação que se estabelece entre mídia e sociedade chamam a atenção para a ordenação do tempo social pela mídia. Contudo, para grande parte destas teorias, a ordenação ainda é pensada segundo a forma de tempo propriamente moderna. A mídia selecionaria, no cotidiano, o que poderia se tornar causa pública, narra o que aconteceu de modo a construir uma temporalidade histórica com sentido e organiza a ação humana apontando o que precisa ser feito. A credibilidade não serve apenas para reduzir a incerteza. Funciona, destacadamente, como uma estratégia política que encontra lugar em um mundo de mudanças aceleradas.

Novas leis são criadas, mudanças constitucionais são propostas, decretos e projetos aprovados em ritmo frenético, sustentados pelo argumento de que o mundo está mudando rapidamente e não podemos ficar para trás. Os governos e seus representantes precisam, urgentemente, adequar os diversos setores e instituições sociais (político, jurídico, econômico, etc.) criando as condições de enfrentamento das exigências trazidas por esta nova realidade. A mídia repassa cotidianamente a inevitabilidade das mudanças e a necessidade de rapidamente implementá-las.

Os Governos, principalmente o dos países em desenvolvimento, superando a lentidão e a hesitação, típicas da negociação política, deve ser eficiente e capaz de antever e de se antecipar ao futuro. A credibilidade completa o triângulo. Assim, a velocidade se torna não somente o discurso, mas o princípio que dá sustentação ao exercício do poder. A mudança sustentava-se na globalização e os efeitos sociais negativos destas mudanças para alguns grupos sociais eram consideradas ou como sofrimentos transitórios, ou como reação retrógrada de setores corporativos.

Pensar a globalização não implica apenas deter-se sobre o novo ritmo do capital financeiro ou sobre o jogo entre identidades locais e globais. É preciso também ater-se à nova experiência de tempo, onde o possível é gerado pela tecnologia e possui uma força intrínseca de realização, um dinamismo acelerado. Nesta nova experiência, o decisivo é, primeiro, um estranho feedback entre presente e futuro, onde a consequência antecipada torna-se condição da ação, e, segundo, a experiência subjetiva deste possível exterior ao desejo, acelerado e dinâmico, experiência desta evolução tecnológica que não é integradora, apresentando-se aos indivíduos na simultaneidade paradoxal de oportunidade e dever. (VAZ, 2003 p.74)

Nesse novo contexto, a prevenção se apresenta como uma forma de controlar por antecipação o futuro. Gerar e consolidar expectativas sobre o futuro torna-se objetivo maior da política e modo de gerar lucros. Sendo a expectativa o ‘capital do futuro’, é sobre ela que incidem os mecanismos de manipulação das crenças e comportamentos. Assim é que, a divulgação de estimativas, os dados estatísticos e os discursos legitimadores dos peritos, ancorados nos avanços tecnológicos e científicos, apontam para uma dilatação nas possibilidades dos sujeitos de calcular um futuro parcialmente conhecido e, portanto, transformável.

No processo de construção desse futuro provável, os medos decorrem tanto da própria incapacidade individual de se autocontrolar perante situações que são novas e, muitas vezes representadas como acarretando riscos, como também das ações do outro, quando estas ações podem colocar alguém em situações de risco independente do seu conhecimento ou da sua escolha. O sofrimento, quando imputado sem a ocorrência de um crime ou contravenção, é visto como evitável e injustificado. Nesses casos, tem que haver um culpado, alguém que seja um réu ligado à culpa pelo sofrimento impingido. “Todo caso de sofrimento é potencialmente, até que se prove o contrário, um caso de vitimização – e qualquer pessoa que sofra é (ao menos potencialmente) uma vítima”. (Bauman, 2007 p. 45). Assim, se antes o que contava era a preparação para enfrentar uma determinada situação, hoje o que conta é a escolha do indivíduo em evitar que esta mesma situação se concretize. Para Boltanski (1999), estamos vivendo a emergência de um “direito ao risco” em que o indivíduo tem a capacidade de decidir o quanto quer se arriscar em relação ao prazer e ao benefício futuro.

Porém, na medida em que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações nele projetadas, nos tempos que correm os projetos

de vida idealizados, abrem portas para um vazio temporal. Para muitos, o futuro se encontra “desfuturizado”, posto que governado pelo princípio da incerteza. O consumo e o individualismo exacerbado, a fragilidade dos vínculos simbólicos, a instabilidade dos empregos e das empresas que os oferecem, a cultura da anestesia sensorial e da negação da dor são alguns fatores apontados como geradores desse processo de ‘desfuturização do futuro’. (Vaz, 1999).

Adotando nesse trabalho o entendimento da história como um processo que apresenta descontinuidades e rupturas, minha posição coaduna com a perspectiva teórica apontada por Vaz, de que o risco é o modo da cultura atual de dar sentido, ou seja, de atribuir responsabilidades para os sofrimentos humanos. Como defendi na minha dissertação de mestrado⁴⁶, o risco é sempre uma construção social e cognitiva, cuja força da retórica não reside no risco em si, mas na sua percepção. Aquilo que tememos que seja ‘real’, termina por ser real nas conseqüências que cria. Tomando como exemplo o campo da saúde, médicos, especialistas e pesquisadores produzem os materiais a partir dos quais são definidos os perfis de risco. No entanto, as opiniões sobre as relações existentes entre determinadas características hereditárias e a incidência de determinadas doenças, (obesidade e enfarto) ou a adoção de um determinado estilo de vida e a ocorrência de certa enfermidade, (fumo e câncer de pulmão) mudam conforme mudam as opiniões dos peritos, e/ou quando mudam os dados estatísticos divulgados pela mídia. A base dessas mudanças reside na quantidade de informações que se consegue acumular, processar e divulgar a respeito de determinado risco.

Dessa maneira, Estados e Instituições, acumulam um vasto banco de dados, onde os indivíduos se constituem como um “estoque de informações” que definem *fatores de risco*⁴⁷ e alimentam um conhecimento preditivo de

⁴⁶LEAL, Rita. *Câmeras de Vigilância: as novas tecnologias na Governamentalidade Contemporânea*, 2006. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura. Fev/2006.

⁴⁷ Pesquisas demonstram que fatores de risco na infância funcionam como futuros indutores de delinqüência. Ou seja: é grande a possibilidade de se prevenir a criminalidade por meio de bons serviços de educação e saúde para as crianças, especialmente aquelas de comunidades carentes. A prevenção situacional do crime busca articular esforços da sociedade e do governo no sentido de controlar a incidência de tipos específicos de crime através da manipulação de fatores, tais como a disponibilidade de alvos, o incremento da vigilância e a motivação dos agressores. Ver QUAGLIA, Giovanni, I Fórum Metropolitano de Segurança Pública da Baixada Santista, em Cubatão (SP), dia 02/10/2003.

probabilidades e riscos, visando identificar, categorizar e classificar perfis, padrões comportamentais, econômicos e sócios culturais.⁴⁸

O banco de dados constrói umnexo causal e individualizante entre passado, presente e futuro diferente daquele proposto pelo conceito de trauma, tão importante no pensamento moderno. Não se trata mais dos acontecimentos singulares na vida de um indivíduo que simultaneamente restringem suas possibilidades de ser e o conduzem a mudar o que é. Graças ao banco de dados, o passado age sobre o futuro pela restrição do possível. Exemplificando, de todas as doenças que podem ocorrer a um indivíduo, o mapeamento genético e os hábitos de vida informarão sobre as mais prováveis, permitindo ao indivíduo modificar seu estilo de vida e, assim, quem sabe, evitar a emergência. Esta é a diferença crucial entre a subjetividade moderna e a contemporânea: viver hoje depende da restrição dos possíveis e não da sua invenção. Sendo mais preciso, para continuar havendo novo, é preciso restringir as possibilidades. (Vaz, 1999 p. 67)

Sob esse ponto de vista, os países produtores de alta tecnologia já vivem as condições plenas da sociedade de risco. Neles, a gestão política preventiva assume prioridade nos discursos de proteção do meio ambiente, dos fenômenos interligados à deterioração da vida social pela concentração desmedida de riquezas, pela exclusão de camadas cada vez maiores das populações, pela imigração, pelo desemprego e, finalmente, pela ação do crime organizado e dos grupos terroristas. A coleta de dados sobre a população, o interesse crescente pelas estatísticas e o cálculo das probabilidades em função das regularidades de determinados acontecimentos, são os instrumentos que dão sustentação as técnicas de governabilidade contemporânea.

Em um mundo globalizado, em que a política perde grande parte do seu poder para o mercado, a liberdade e a segurança individual, até então considerada como um produto do trabalho coletivo, são cada vez mais privatizadas. As utopias modernas de construção coletiva de uma sociedade boa, justa e igualitária são substituídas pela busca incessante da satisfação pessoal e pela privatização dos meios de garantir e assegurar a liberdade individual. Se antes a liberdade individual era sacrificada, e os instintos eram reprimidos em prol do bem coletivo

⁴⁸ GARLAND, D. *As Contradições da “Sociedade punitiva”*: o caso britânico, Revista de Sociologia e Política, nº13: 59-80, novembro, 1999.

que se realizaria no futuro, hoje, com o fim das utopias e com a perda da segurança prometida, as regras são ditadas pelo desejo de se garantir contra os riscos envolvidos em todas as escolhas e de se livrar, por meio da prevenção, da responsabilidade pelos resultados. Enquanto na sociedade moderna o indivíduo buscava a normalidade por meio da contenção dos desejos individuais, acreditando no futuro como o lugar da realização coletiva; na atualidade os desejos são estimulados e incentivados pela cultura hedonista do consumo e o futuro é colonizado pelos cálculos dos riscos que decorrem das escolhas efetuadas no presente. Como aponta Bauman, o homem contemporâneo é cobrado em moedas de ansiedade pela diluição das certezas e das garantias de segurança, e pela desintegração da crença de que, com o conhecimento pleno, haveria cada vez menos sofrimento no futuro. O indivíduo experimenta uma ansiedade difusa que, embora fabricada, ao eleger como qualidades fundamentais para os indivíduos: o poder de consumir, a rapidez de se moverem pelo mundo e o acesso fácil à tecnologia da informação. Nesse contexto, o autor define os bancos de dados, a televisão e a Internet, como instrumentos de seleção, separação e exclusão.

Eles seguram na peneira os globais e deixa passar os locais. Dada as regras do jogo do consumo que agora se prática, a miséria dos que ficam de fora, antes tratada como uma falha *causada coletivamente* que precisava ser tratada e curada por meios coletivos, agora é prova de um pecado ou crime individualmente cometido. (Bauman, 1999, pg. 59-61).

Nesse cenário, o projeto do pensamento calcado no futuro coletivo é deposto, para em seu lugar reinar a ênfase no aqui e agora, no consumo sem fim. “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” escreve Deleuze. E complementa, “não mais se faz necessário confinar, submeter ou moldar, sendo apenas necessário “modular” o indivíduo, por meio da informação contínua veiculada pelos meios. (Deleuze (1992).

Eu quero entrar na rede
 Promover um debate
 Juntar via Internet
 Um grupo de tietes de Connecticut
 (Pela Internet, Gilberto Gil)